

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO

**De mulher Da vida a mulher da mídia: o uso dos meios de comunicação nas
mãos das prostitutas**

Elaine Cutrim da Silva

Rio de Janeiro

2006

Elaine Cutrim da Silva

**De mulher Da vida a mulher da mídia: o uso dos meios de comunicação nas mãos das
prostitutas**

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de
Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro -
UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do
grau de bacharelado.

Orientadora: Ilana Strozemberg

Rio de Janeiro

2006

Silva, Elaine Cutrim da

De mulher Da vida a mulher da mídia: o uso dos meios de comunicação nas mãos das prostitutas. Rio de Janeiro; Eco/UFRJ, 2006.

50p.

Monografia de Jornalismo - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação, 2006.

Orientadora: Profª. Ilana Strozemberg

1 - Mídia e prostituição 2 - Minorias 3- Jornalismo -Monografia

I-Strozemberg, Ilana(Orientadora) II – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação III - Bacharel

Elaine Cutrim da Silva

**De mulher Da vida a mulher da mídia: o uso dos meios de comunicação nas mãos das
prostitutas**

Rio de Janeiro, 04 de julho de 2006.

Aprovado por:

Ilana Strozemberg – Orientadora

Professora Doutora /UFRJ

Maria Helena Junqueira

Professora/ UFRJ

Priscila Kuperman

Professora Doutora /UFRJ

A Yaohu, o Grande Criador.
Aos meus queridos pais, os principais responsáveis
pela realização disso que era apenas uma utopia.
E a minha avó, que virou uma brilhante estrela no infinito.

Agradecimentos: A Ilana Strozemberg pelas pacientes tardes de boa conversa e lapidações.
A Jéssica Cutrim por, mesmo aos berros, tentar entender a importância desse trabalho.
Às amigas Aleiteia Maria, Michelle da Costa e Rosi Maróstica por terem tornado os corredores da Eco mais arejados.
A Gabriela Marinho, Luciana Salaberga e Helen Neves, queridas irmãs que a vida me concedeu.

Se as coisas são inatingíveis...ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas
Mário Quintana

RESUMO

Silva, Elaine Cutrim da. **De mulher Da vida a mulher da mídia: o uso dos meios de comunicação nas mãos das prostitutas**. Orientadora: Prof^a. Ilana Strozemberg. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2006. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro).

O presente trabalho pretende estudar o uso que as prostitutas têm feito dos meios de comunicação. Depois de anos aparecendo nas páginas policiais envoltas pelo estigma da violência e da promiscuidade, elas voltam à cena midiática de maneiras diferentes. Organizam um movimento que trabalha na tentativa de reivindicar o direito à cidadania e diminuir o estigma que envolve a atividade e publicam um jornal de circulação nacional, O “Beijo da rua”, que trata principalmente das questões ligadas à prostituição. Além disso, desenvolvem uma grife que gera lucro e fica conhecida dentro e fora do país, tornando-se alvo do interesse da grande mídia. Por outro lado, o advento dos *blogs* possibilita a veiculação das histórias pessoais das prostitutas que geram curiosidade e podem criar celebridades instantâneas. Esse é o caso de Bruna Surfistinha, uma garota de programa que abandonou a prostituição depois de se tornar famosa ao escrever um diário eletrônico e publicar a intimidade com os clientes. Análises do conteúdo do jornal e do *blog*, além de entrevistas com as prostitutas são a base para dimensionar a capacidade que essas mulheres descobriram possuir ao assumirem o lugar de sujeito da própria fala.

ABSTRACT

Silva, Elaine Cutrim da. Of woman of the life the woman of the media: the use of the communication in the hands of prostitutes. Rio de Janeiro, 2006. Monograph (Graduation in Social Communication – Qualification Journalism) School of Communication, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

The present work intends to study the use that the prostitutes have made of the medias. After years appearing in the police pages involves for the stigma of the violence and the promiscuity, them they come back to the media scene in different ways. They organize a movement that works in the attempt to demand the right to the citizenship and to diminish the stigma that involves the activity and publishes a periodical of national circulation, the "Kiss of the street", that it mainly deals with the on questions to prostitution. Moreover, they develop one griffe that it generates profit and she is known inside and it are of the country, becoming white of the interest of the great media. On the other hand, the advent of blogs makes possible the propagation of personal histories of the prostitutes who generate curiosity and can create instantaneous celebrities. This is the case of Bruna Surfistinha, a program girl that abandoned prostitution after if becoming celebrity when writing a daily electronic and publishing the privacy with the customers. Analyses of the content of the periodical and blog, beyond interviews with the prostitutes are the base to have a idea about the capacity that these women had discovered to possess when assuming the place of citizen of the proper one speak

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	1
2 - ESTIGMA, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO	4
3-TRANSFORMAR O ESTIGMA: QUAL É O PAPEL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NESSE DESAFIO?.....	12
3.1 Jornal Beijo da rua: uma possibilidade	12
3.1.2 Nas páginas do jornal.....	15
3.1.3 Profissionais do sexo ou profissionais da moda?.....	21
4 – PROFISSIONAL DA MÍDIA	27
4.1 Navegando pela internet.....	30
5- A MULHER E A CONSTRUÇÃO DOS DIVERSOS FEMININOS.....	36
6 –CONCLUSÃO.....	42

REFERÊNCIAS

ANEXOS

1.Introdução

*Se acaso me quiseses
Sou dessas mulheres
Que só dizem sim
Por uma coisa à toa
Uma noitada boa
Um cinema, um botequim
Chico Buarque*

A prostituição é conhecida popularmente como a mais antiga das profissões. Uma profissão, no entanto, que é alvo de muitos preconceitos e que marginaliza as mulheres que a exercem. No Brasil, um movimento organizado que surge na década de 70 reivindica principalmente que essas mulheres tenham direitos como qualquer outro cidadão. Esse processo de legitimação ainda não se realizou, mas, atualmente, elas sabem qual é o poder dos meios de comunicação. As prostitutas criam veículos próprios, ocupam a grande mídia, escrevem suas biografias e tornam inevitáveis os olhares que antes eram disfarçados. Esse trabalho tem o objetivo principal de investigar como essas mulheres têm feito uso da comunicação. Acredita-se que esse é um tema relevante porque pretende entender de que maneira se desenvolve a força de expressão de uma minoria que luta pela representação na sociedade e utiliza as mídias como instrumento nesse processo.

Para isso, algumas idéias foram tomadas por empréstimo. Em Erving Goffman se buscou o conceito de estigma, importante para essa análise porque o grupo das prostitutas é fortemente envolvido por preconceitos e atributos negativos capazes de “contaminar” toda a pessoa das mulheres que praticam a prostituição. Joan Scott colaborou com a fundamentação teórica da definição de gênero. A prerrogativa de que feminino e masculino são menos categorias determinadas biologicamente do que construções sociais é utilizada nesse trabalho para entender os diversos femininos possíveis e como a figura da prostituta é parte dessa construção. Maria Dulce Gaspar fornece um estudo antropológico sobre a prostituição em Copacabana e ajuda a tornar familiar algumas diferenças básicas que norteiam esse ambiente.

Além da base teórica, foram feitas análises de dois instrumentos utilizados pelas prostitutas. O primeiro deles é o jornal “Beijo da rua”, um periódico idealizado por meretrizes que circula pelo Brasil há mais de quinze anos. A análise de conteúdo dessa publicação é importante porque foi o contato inicial com as protagonistas desse tema. Em segundo lugar, durante a pesquisa, ficou mais claro o processo de resgate da cidadania dessas mulheres através de uma rede bem estruturada. Além de funcionar como um canal legítimo de comunicação entre

associações de prostitutas espalhadas pelo país, o “Beijo da rua” é um dos mecanismos usados por uma Organização Não Governamental (ONG) carioca, a “Davida”, na tentativa de devolver a auto-estima de suas principais leitoras.

A análise dessa publicação também foi uma porta para o primeiro, a ONG liderada por uma ex-prostituta paulista que iniciou todo o trabalho com as colegas brasileiras. Gabriela Leite está à frente da instituição, que nos últimos meses surpreendeu a sociedade com o lançamento da grife “Daspu”, uma marca que surgiu com dois objetivos: gerar recursos e aumentar a visibilidade do movimento organizado pelas prostitutas. A “Daspu” como todo o empreendimento precisa de publicidade para entrar e se manter no mercado. No caso da grife das prostitutas, a mídia espontânea foi a grande aliada.

Para traçar um paralelo com a formação de um movimento organizado que procura benefícios coletivos, foi investigada a trajetória de uma prostituta que ficou famosa no Brasil e alcançou notoriedade em outros países a partir do fim de 2005. Bruna Surfistinha é uma jovem que começou a trilhar o caminho da fama depois de escrever um *blog*. O conteúdo principal do diário eletrônico é o cotidiano dos programas e a classificação dos clientes. O sucesso se tornou incontestável depois que ela lançou uma autobiografia que atingiu mais de 100 mil exemplares.

Para conhecer melhor o ponto de vista dessas mulheres, foram realizadas entrevistas com algumas prostitutas da Praça Tiradentes e da Vila Mimosa, dois importantes pontos de prostituição no Rio de Janeiro. As histórias de vida, o dia-a-dia no trabalho e os sentimentos que foram expostos dão maior concretude às discussões teóricas sobre o estigma e o preconceito. Conversar com essas mulheres foi importante porque elas conhecem a prostituição mais do que qualquer intelectual. Assim, algumas experiências delas estão descritas nesse estudo para que o leitor também possa se aproximar mais do tema. Falar com elas também foi importante porque o juízo de valor feito sobre as prostitutas é arraigado e capaz de contaminar até mesmo aqueles que se julgam imunes.

No capítulo dois, trata-se da questão do estigma. O objetivo é desenvolver melhor a origem desse conceito e entender como as sociedades criam modelos de conduta que obrigam os indivíduos a se portarem de uma forma padronizada que, se não for devidamente respeitada, segrega os violadores à categoria dos estigmatizados. Somos criados para respeitar e valorizar o modelo da mulher-esposa-mãe. Os indivíduos que fogem dessa perspectiva são obrigados a carregar o peso do descrédito, do fracasso, da incompetência. A prostituta surge na sociedade

como alguém que falha como esposa e como mãe, faz sexo por dinheiro e não por amor. Além disso, constitui parte da maioria menos favorecida econômica e socialmente, portanto, congrega os estigmas da promiscuidade e da pobreza.

O terceiro capítulo trata da tentativa de mudar a visão preconceituosa sobre essas mulheres a partir dos movimentos organizados exemplificados aqui principalmente pela instituição “Davida” – por meio do jornal, da grife “Daspu” e de projetos na área cultural e de saúde pública - e pela Associação dos Moradores e Amigos da Vila Mimosa, a “Amocavim”, uma entidade que trabalha com as prostitutas da zona de confinamento mais famosa do Rio de Janeiro.

O percurso que Raquel Pacheco percorreu até se transformar em Bruna Surfistinha é analisado no quarto capítulo. A trajetória da prostituta que sai do anonimato e abandona a antiga atividade é um dos pontos dessa pesquisa porque tudo isso só foi possível a partir do momento que o diário íntimo dela se tornou completamente público através *blog*.

No fim desse estudo tenta-se percorrer o caminho inverso e entender por que a prostituição é estigmatizada. Para isso, recorre-se ao conceito de gênero, um termo utilizado pelas feministas dos Estados Unidos na década de 70 para marcar uma rejeição ao determinismo biológico utilizado para diferenciar feminino e masculino. De acordo com elas, essas categorias são apenas construções sociais e como toda construção são passíveis de reformas.

2. Estigma, preconceito e discriminação

As prostitutas e seus similares, por mais vis e imundas que pareçam, são também indispensáveis na ordem social.

Santo Agostinho

A palavra estigma tem origem na Grécia e era utilizada para se referir a sinais corporais que evidenciavam algo extraordinário ou maléfico naqueles que os apresentavam. Segundo Erving Goffman, esses sinais eram produzidos com cortes no corpo ou provocados por fogo e denunciavam que o portador era um escravo, um traidor ou criminoso, alguém que deveria ser evitado. Na Era Cristã, o termo foi associado a outras duas possibilidades: demonstrações da graça divina ou distúrbios físicos. Atualmente, a palavra estigma tem sido utilizada de forma semelhante àquela formulada na origem, sendo associada à desgraça e não à evidência corporal.

Na obra “**Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**”, Goffman faz um minucioso estudo relacionando às questões do estigma e do desvio. O sociólogo analisa o processo de estigmatização, suas causas e seus atores. Segundo o autor, a sociedade cria categorias e seleciona os atributos considerados normais e desejáveis para cada indivíduo pertencente a esses grupos. As pessoas são facilmente encontradas em ambientes sociais específicos, e em consequência disso, criamos expectativas a respeito de sua conduta. Para ele, ignoramos essas exigências, mas estamos a todo o tempo fazendo afirmativas de como aquele indivíduo deveria se portar.

De acordo com Goffman, quando indivíduos estranhos são apresentados, os primeiros aspectos fornecidos por cada um deles já permitem estabelecer em quais categorias eles se encontrariam e quais seriam seus atributos. O autor chama de informação social, aquela que o indivíduo transmite de si próprio para os outros e diz que os seres humanos estabelecem pré-concepções que se consolidam e são transformadas em expectativas rígidas. No momento em que alguém deixa de corresponder a alguma dessas pré-condições, essa pessoa passa a ser considerada de forma depreciativa e é estigmatizada:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e

total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal efeito é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande.¹

Goffman lembra que no estudo do estigma as relações são mais importantes que os atributos, ou seja, a qualidade que estigmatiza alguém pode reafirmar a normalidade de outra pessoa. Por exemplo, um indivíduo que possui nível superior e ocupava um cargo importante em uma grande empresa pode esconder o fato dos colegas em uma nova experiência profissional que não seja tão qualificada como a primeira por medo de se sentir fracassado. Em uma outra hipótese, um jovem que deseja ingressar nas Forças Armadas pode esconder uma limitação física por temer que o seu estado seja fator de descrédito. Depois de certo tempo, decepcionado ou almejando uma profissão diferente, ele pode requisitar tratamento médico e dispensa do serviço militar alegando impossibilidade por conta de seu defeito. A atitude é tomada mesmo quando esse indivíduo reconhece que poderia se expor se descobrissem que ele não era portador de nenhuma doença grave. Por meio desses exemplos, percebe-se que o atributo não é em si mesmo sinal de desgraça ou honra, mas o uso que se faz dele e o contexto são os fatores determinantes.

O autor diferencia os indivíduos entre normais e estigmatizados. Para ele, alguém que, na sociedade atual, possui algum estigma tende a apresentar as mesmas perspectivas de uma pessoa normal, as mesmas “crenças de identidade que nós temos”. Por carregar os padrões impostos pela sociedade, muitas vezes o sujeito que possui um atributo diferenciador concorda que não corresponde àquilo que deveria ser. Nesse momento, a vergonha se torna uma questão central, o indivíduo admite que uma de suas qualidades é “impura” e tenta se imaginar como “não-portador” dela. A sociedade do indivíduo estigmatizado não consegue tratá-lo com respeito, então se configura uma outra questão importante descrita por Goffman, a aceitação:

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar reduzimos suas chances de vida. Construímos uma teoria dos estigmas, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças como a classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e

¹ GOFFMAN, E.1988, p.12

representação de maneira característica, sem pensar no seu significado original.²

Segundo Goffman, o estigmatizado pode responder a essa situação de várias maneiras: corrigindo o estigma, quando se trata de alguma limitação reversível, corrigindo de forma indireta, no caso daqueles que desenvolvem a capacidade de realizar atividades extraordinárias para alguém com um “defeito”. A terceira possibilidade apresenta-se quando o indivíduo que possui um atributo diferencial tenta fugir da realidade por meio de uma “interpretação não convencional do caráter de sua identidade social”. Nesse caso, a fuga pode ocorrer de várias maneiras, o estigmatizado pode considerar as limitações como uma benção divina, por exemplo, ou usar o estigma para “ganhos secundários”, justificando todos os seus fracassos e limitações como consequência do atributo.

Goffman separa os estigmatizados em duas categorias, os desacreditados e desacreditáveis. O primeiro grupo é formado por aqueles que possuem um estigma evidente ou que já é de conhecimento público. No segundo, a diferença pode ser escondida, os outros não conhecem o atributo diferenciador e ele não é facilmente percebido. Nesse caso, os estigmatizados podem manipular a informação.

O autor diferencia os estigmas em três categorias principais. Em primeiro lugar, as deformações físicas, o que ele chama de “abominações do corpo”, em segundo, as “culpas de caráter individual” como desonestidade, homossexualismo, alcoolismo, prisão e vícios. Por último, estão os estigmas coletivos, tribais, de raça e nação, transmitidos hereditariamente e que podem contaminar todos os membros de uma família.

As prostitutas, objetos de estudo desse trabalho, enquadram-se no segundo grupo, seu estigma não é necessariamente evidente, portanto elas fazem parte dos desacreditados ou desacreditáveis, segundo o controle da informação, que é uma realidade importante no dia-a-dia dessas mulheres. Algumas escolhas são cruciais: revelar ou não; mentir ou falar a verdade; até que ponto contar a história de vida; para quê; para quem; como e por quê. Além disso, o vestuário, o comportamento e os lugares por onde elas circulam são detalhes importantes no processo de preservação da atividade que exercem.

De acordo com Goffman, tendemos a atribuir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original. A prostituta foge da perspectiva traçada pela sociedade, ela é a “mulher de

² GOFFMAN, *op.cit*, p.15

rua”. Em todos os lugares por onde passa, a garota de programa é apontada como a mulher de “vida fácil”, aquela que tudo faz por dinheiro, a sem caráter, porque o estigma da prostituição ultrapassa as fronteiras da conduta sexual e contamina todos os outros papéis da mulher que tem essa ocupação.

Um primeiro fator sobre a manipulação da identidade não pode ser desprezado. Existe pelo menos dois segmentos de prostituição. A mais desvalorizada, que é a realizada nas ruas ou zonas (dos subúrbios ou centros urbanos), e aquela considerada “valorizada”, exercida nas boates e saunas e freqüentadas pelas classes médias e altas da sociedade. Em cada um desses grupos existem particularidades a respeito da manipulação da identidade e da presença do estigma.

No primeiro segmento, as profissionais são geralmente de classes economicamente desfavorecidas, por isso, o estigma da pobreza é associado ao da prostituição. Gaspar cita Bacelar e Versiani, que apresentam teorias bem próximas a esse respeito. Ser prostituta de baixa renda significa manter um número maior de relações sexuais, ou seja, ser mais “promíscua” e mais “contaminadora”. No entanto, segundo os autores, em uma condição econômica desfavorável, na qual a mulher é obrigada a sustentar os filhos, a prostituição pode surgir como uma justificativa mais aceitável. Parece um paradoxo: a prostituição é justificada pelo dever da maternidade.

As prostitutas de baixa renda tendem a esconder a profissão das famílias e dos vizinhos porque se sentem envergonhadas e temem o peso do estigma. No entanto, algumas das mulheres entrevistadas afirmam que a família sabe em que elas trabalham. Uma das garotas abordadas na Vila Mimosa fala sobre a preocupação em esconder a atividade: “Trabalho aqui há seis anos, mas antes eu trabalhava em termas, tenho uma filha de 18 anos que não sabe o que faço. Digo que trabalho em outro lugar e compro contra-cheques para ninguém desconfiar”. Essa, no entanto, não é uma atitude geral. Na Praça Tiradentes, uma garota de programa que exerce essa ocupação há trinta anos diz: “Todo mundo na minha casa sabe e todos me respeitam muito, meus filhos, meus genros... É até engraçado porque meus vizinhos não deixam ninguém me desrespeitar. Duas das minhas filhas também batalham de vez em quando, elas iam vir comigo hoje, mas não deu”. Novamente, nesse caso, a obrigação de dar sustento à família dá legitimidade moral ao exercício da prostituição, que passa a ser vista como uma profissão.

O medo de ser descoberta por membros da família, no caso das garotas de programa de classes sociais mais elevadas, é associado à discrição exigida pelos clientes. As mulheres que trabalham em boates, saunas ou fazem programas em hotéis situados em áreas mais abastadas,

devem estar preparadas para entrar em ambientes onde o estigma da prostituição não pode acompanhá-las. Como cita Gaspar, em muitos casos, a prostituta é requisitada para acompanhar o cliente em eventos públicos, coquetéis, jantares de negócio, por isso a discrição é fundamental. Por outro lado, a justificativa sócio-econômica não é possível no caso das prostitutas das classes médias. Torna-se, portanto, mais palpável a hipótese de que elas gostem de se prostituir, apresentando um defeito ao mesmo tempo psíquico e moral: são “ninfomaníacas”.

O estigma que envolve a prostituição expressa diversos preconceitos em relação a praticam. Gaspar examinou a construção da identidade das garotas de programa a partir da representação que os clientes fazem e da auto-representação das profissionais. Os relatos obtidos por Gaspar na década de 80 foram associados às entrevistas feitas durante essa pesquisa com prostitutas na Vila Mimosa e da Praça Tiradentes. Além disso, os depoimentos do documentário “Histórias de Esquina”, de Felipe Diniz, que retrata o cotidiano de quatro prostitutas de Porto Alegre também foram utilizados.

O primeiro conceito discutido por Maria Dulce Gaspar é o que uniformiza as garotas de programa: segundo os clientes “elas são todas iguais”. A frase atribuída às prostitutas é comumente usada quando os homens definem as mulheres e, geralmente, nesse processo, o argumento é consequência de um abandono ou, ao contrário, de uma tentativa de sedução por parte delas, mesmo quando sabem que o homem tem compromisso.

Em contraposição, as próprias garotas de programa, como já foi visto anteriormente, estabelecem categorias para a prostituição, que se baseiam no comportamento, no local, na frequência e na quantidade e posição social dos clientes. As garotas admitem que são prostitutas, mas se consideram superiores às outras que fazem ponto na rua, por exemplo. Como foi dito antes, os estigmatizados têm a mesma perspectiva dos normais e o processo de atribuir estigma a outros segmentos de prostituição é um elemento importante na construção da identidade das garotas de programa, uma tentativa de se libertar desse atributo indesejado. Uma das entrevistadas dá um exemplo disso: “vou ser muito sincera, eu não faço anal, outro dia um cliente queria de qualquer jeito, mas eu disse não, tem umas meninas que fazem, mas eu não faço”.

Um segundo fator é a ocultação de fatos e a construção de personagens. Na tentativa de se preservar, elas manipulam suas identidades de acordo com a situação. Maria Dulce Gaspar cita Versiani dos Anjos Júnior, que estudou as prostitutas do Posto Sete, em Brasília e da zona do Farol Velho, em Fortaleza. Para esse autor o “nome de guerra” é um artifício que o grupo

estudado por ele usava na tentativa de evitar que “o estigma contamine a pessoa total da prostituta. Ela se insere no mundo, não como ser humano completo, mas como uma profissional, separando claramente sua pessoa de sua atividade”³. Durante as entrevistas, uma garota de programa que trabalha na Vila Mimosa, uma das principais zonas de prostituição carioca, negou-se a revelar seu nome verdadeiro dizendo “aqui eu sou Manoela, só Manoela, lá fora sou outra pessoa”.

Manoela foi a primeira mulher entrevistada na Vila Mimosa. Loira de olhos verdes, aparentando mais de 35 anos, a prostituta disse que trabalhava no local há três meses e que seu principal objetivo era sair “daquele lugar”. Ela também contou que é formada em publicidade, tem pós-graduação em marketing e trabalhava em uma empresa na área de promoção de eventos viajando por todo o país. Segundo Manoela, o chefe a assediou e ela não cedeu, por isso, foi demitida da empresa e hoje trabalha como prostituta. É importante frisar que esse trabalho não tem a preocupação ou objetivo de avaliar o caráter de verdade ou não do discurso, mas é interessante entender a construção dessas identidades no imaginário.

Gaspar conta que, entre seus informantes era consenso que todas as prostitutas são mentirosas. Revela também que presenciou momentos em que as garotas deixavam de dizer a verdade, principalmente quando contavam suas histórias de vida. Segundo a autora, representar faz parte do trabalho da prostituta, elas simulam atração pelos clientes, representam que têm prazer durante as relações sexuais, fingem orgasmos. Durante essa pesquisa, também ficou claro que muitas garotas sentem a necessidade de mentir quando contam o motivo pelo qual estão trabalhando como prostitutas. Elas parecem formular cada frase no momento da entrevista e quando repetem algum trecho da história, sempre modificam um detalhe. Sobre a necessidade de dar vida a uma personagem, uma das prostitutas do documentário contou uma história inusitada:

A prostituta tem que ser de tudo um pouco, psicóloga, filha, amiga, amante, confidente e mãe. Outro dia um cliente trouxe uma fralda e mamadeira, quis que eu vestisse ele e fizesse ele dormir. Tive que dar mamadeira, ele mamou no meu peito e eu tive que bater na bunda dele.⁴

Outra característica associada às prostitutas é a periculosidade. De acordo com os clientes, elas são “sedutoras, escandalosas e violentas”. Para a autora, esse atributo é mais claro na baixa prostituição, em que as mulheres tomam a iniciativa de maneira mais agressiva do que no interior

³ JÚNIOR, V.A., apud, GASPAR, M.D., 1988, p. 77

⁴ Depoimento retirado do documentário Histórias de Esquina

das boates, onde a aproximação é mais discreta. Gaspar lembra que em qualquer um dos casos, a relação de sedução é inversa, ou seja, a mulher inicia o processo de conquista e cabe ao homem recusar o convite ou não. A agressividade muitas vezes é usada pela garota de programa como maneira de controlar a situação, uma vez que ela está mantendo relações íntimas com um desconhecido e exposta a qualquer tipo de violência. Uma das alternativas usadas pelas garotas em caso de abuso físico é o escândalo. Nesse caso, a prostituta manipula a “deterioração de sua identidade”. Se ela é uma mulher que não tem nada a perder, ela não teme o título de “escandalosa”. Pelo contrário, tornar pública a situação de prostituta transfere parte do estigma para o homem.

As prostitutas também são acusadas de perigosas porque podem furtar o cliente ou reagir de maneira violenta quando um contrato inicial é quebrado. A própria sedução também é encarada de maneira negativa, porque pode induzir o homem a trair seus compromissos com a família e o trabalho. Um de nossos informantes qualificou as garotas de programa de “suja”, mas disse que procura os serviços delas porque “elas são o demônio, fazem coisas que as mulheres de casa não podem fazer”. Quanto ao escândalo, ele é explicado pelas prostitutas como resultado, muitas vezes, da atitude agressiva dos clientes. Uma entrevistada da Vila Mimosa mostrou o pescoço com hematomas afirmando: “ontem mesmo um cliente queria fazer coisas que a gente não tinha combinado, ele segurou o meu pescoço e eu comecei a gritar, os seguranças chegaram rápido e tiraram ele”.

A promiscuidade é a última característica das prostitutas apontadas pela pesquisa de Gaspar. Além da quantidade de parceiros sexuais, a acusação faz referência ao fato das garotas de programa dissociarem a relação sexual do amor, característica vista como natural e comum entre os indivíduos do sexo masculino, mas inaceitável entre as mulheres. Segundo uma de nossas entrevistadas, na Vila Mimosa existem períodos de grande lucratividade, em que é possível atender a dez clientes por dia. Em épocas menos movimentadas, a média de programas cai para cinco. Uma prostituta que trabalha há poucos meses na Vila Mimosa declarou: “Muitos homens me procuram porque eu sou nova na VM, eles dizem que eu ainda não estou mecânica. Aqui não se pode beijar nem gozar, mas eu deixo rolar, se der vontade...”

Durante a pesquisa fica evidente que existe uma multiplicidade de opiniões e posições a respeito da prostituição. Encontramos mulheres que escondem de todos a sua ocupação e que afirmaram a insatisfação e a infelicidade de prestarem esse tipo de serviço, ouvimos histórias de

tentativa de suicídio e fuga por meio das drogas. No entanto, também conhecemos pessoas que conversaram tranqüilamente sobre o que fazem, considerando que é uma profissão, afirmando ter nascido para aquilo e que a agitação noturna era excitante e agradável. Na maioria desses casos, as famílias, amigos e vizinhos sabiam e respeitavam a condição dessas mulheres.

3. Transformar o estigma. Qual é o papel dos meios de comunicação nesse desafio?

Durante séculos, a prostituição no Brasil permaneceu reclusa aos becos e vielas das cidades, o trabalho da prostituta estava agregado quase exclusivamente à vida noturna das boates e bordéis. Por décadas, as fotografias dessas profissionais⁵ apareciam apenas em páginas policiais, suas histórias eram restritas a matérias jornalísticas sobre a violência e a exploração sexual. A discriminação e o estigma limitavam a interferência dessas mulheres na sociedade.

No entanto, a vida das prostitutas sempre aguçou a curiosidade de todos. A vontade de saber mais detalhes sobre as mulheres que praticam sexo livremente e “fazem tudo por dinheiro” mobiliza a sociedade há muito tempo. Nos últimos anos, no entanto, elas estão se organizando e tornando-se protagonistas de suas trajetórias. A partir disso, tem se configurado um processo onde essas “profissionais invisíveis” aprendem a importância da visibilidade para a quebra do estigma. Movimentos organizados e indivíduos ligados ao comércio sexual utilizam a mídia como instrumento de legitimação de seu trabalho. Agora, as prostitutas têm biografias, são as personagens principais de jornais especializados e de *sites*, aparecem em revistas e na televisão sem necessariamente estarem atreladas ao estereótipo baseado na vulgaridade e na violência.

Nesse capítulo serão analisados dois veículos usados por garotas de programa. O primeiro deles é o jornal “Beijo da rua”, uma publicação mensal, criada com a intenção de promover a cidadania e esclarecer questões relacionadas à saúde, legislação e organização da categoria. O segundo é um diário eletrônico (*blog*)⁶, que transformou, em poucos meses, uma prostituta paulista anônima em celebridade. As informações contidas nesse capítulo foram extraídas da análise de várias edições do jornal “Beijo da rua”, do *site* da Rede de Prostitutas, da página da “Ong Davida” e do *blog* de Bruna Surfistinha.

⁵ A partir desse capítulo a prostituição será tratada como profissão, termo utilizado pela Ong Davida e pelo jornal Beijo da rua.

⁶ O termo *blog* é de origem americana e é proveniente da contração das palavras *web* (página na internet) e *log* (diário de navegação)

3.1. Jornal Beijo da rua: uma possibilidade

Antes de começar a falar sobre o jornal “Beijo da rua” é importante descrever o contexto que possibilitou a idéia de se produzir uma publicação dedicada às causas de mulheres que trabalham na prostituição. Em 1979, um delegado de polícia prendeu e torturou garotas de programa e travestis da Boca do Lixo e Boca do Luxo, zonas de prostituição famosas em São Paulo. Uma mulher grávida e dois travestis morreram durante a ação. Profissionais do sexo, mobilizados com a atitude policial, fizeram uma passeata no centro da cidade e organizaram uma assembléia no teatro Ruth Escobar. Gabriela Leite, prostituta que atuava no Rio de Janeiro e Lourdes Barreto, garota de programa do Pará se conheceram nessa ocasião e decidiram começar um movimento de organização da classe.

Em 1987, Gabriela, que havia participado da passeata em São Paulo, e trabalhava desde 1983 no Rio de Janeiro, organizou o I Encontro de Prostitutas na capital carioca, originando a Rede Brasileira de Prostitutas, uma organização não governamental formada por associações e entidades que tem o objetivo de promover a articulação política dessas profissionais e fortalecer a identidade do segmento, visando o exercício da cidadania, a redução do estigma e da discriminação, além da melhora da qualidade de vida .

Cerca de 70 mulheres de 11 estados participaram do encontro e discutiram a idéia de criar um veículo de comunicação capaz de contribuir com o movimento organizado que estava nascendo. A proposta era proporcionar mais visibilidade, tanto internamente quanto em outros setores da sociedade. Naquela época, Gabriela Leite, iniciava a organização do movimento das prostitutas com apoio do Instituto de Estudos da Religião (Iser), Ong onde ela trabalhava e que tem sede no Rio de Janeiro.

Profissionais da área de comunicação e membros do programa dirigido por Gabriela no Iser foram convidados a participar da concepção do jornal. Flávio Lenz entrou na equipe nesse período para editar a publicação A escolha do nome aconteceu em 1988. Entre as sugestões estavam “Batom Carmim”, “Maria sem vergonha”, e “Jornal Davida”, usado mais tarde para batizar a instituição presidida por Gabriela. No entanto, o vencedor foi “Beijo da rua”, título criado pelo jornalista Nivaldo Jesus Freitas de Lemos, membro do Iser, entidade que garantiu a produção dos primeiros quatro anos do “Beijo”.

Em dezembro de 1988, a edição piloto do “Beijo da rua” era apresentada no Recife durante o “I Encontro Norte e Nordeste de Prostitutas”. O lançamento já mostrava qual seria o perfil da publicação. Sua manchete de primeira página “Prostituição não é caso de polícia”, denunciava a perseguição de policiais a prostitutas e travestis. Em abril de 1989, a equipe envolvida na produção do “Beijo” passou a noite em um bar próximo à sede do jornal “Tribuna da Imprensa”, no Centro do Rio de Janeiro, onde o primeiro número da publicação estava sendo impresso. O jornal começou a circular nas zonas de prostituição sendo vendido por 50 centavos. Em 1991, passou a ser distribuído gratuitamente para profissionais do sexo e simpatizantes de todo o país por meio das associações. Desde o seu lançamento, o jornal não obedeceu a um calendário rígido de produção. Em 1989, por exemplo, a publicação era bimestral, já em 1990, apenas dois números foram editados. Até junho de 2006 o “Beijo da rua” teve 45 edições.

Gabriela Leite, colegas e simpatizantes das causas das prostitutas já trabalhavam no movimento organizado há anos quando, em 1992, a instituição “Davida” foi criada. A Ong, dedicada a vencer os preconceitos, a discriminação e o estigma que envolvem as profissionais do sexo se desenvolveu, ampliou parcerias e se tornou uma entidade de referência nacional e internacional no trabalho de inserção dessas mulheres no exercício da cidadania.

Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Aids entre profissionais e clientes, desenvolvimento de estudos e pesquisas, articulações de políticas públicas que garantam a permanência das garotas de programa em áreas históricas revitalizadas, por meio de eventos culturais como “Mulheres Seresteiras”, em que as prostitutas interpretam canções famosas na Praça Tiradentes ou o bloco de carnaval “Prazeres Davida” são algumas das áreas de atuação da instituição. O jornal “Beijo da Rua” passou a integrar o projeto de comunicação e cultura da organização, que também abarca o *site*, lançado em 2002.

Em 1995 e também entre 1999 e 2001, o jornal não circulou em consequência de crises no financiamento internacional do movimento social ou de dificuldades internas. Em 2002, o periódico voltou a receber financiamento constante do Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Aids, do Ministério da Saúde, e a circulação recomeçou. Nesse momento, a equipe é reformulada e a publicação ganhou novas seções, mas os critérios de distribuição e periodicidade dos anos anteriores são mantidos. Ao longo dos anos o número de exemplares das edições variou entre três e sete mil.

A fundadora, Gabriela Leite, é curiosamente a única mulher que participa diretamente da produção do jornal desde que o primeiro exemplar chegou às ruas. Os demais integrantes são homens: o editor Flávio Lenz e o cartunista Aliedo estavam no grupo quando a edição número um foi lançada, a arte fica por conta do *design* Fernando Pena, os repórteres Carlos Nobre e Marcos Silva viajam pelo país noticiando as novas associações e destacando os progressos alcançados pela organização, as lentes de Marcos Silva registram as imagens, que são tratadas por Reginaldo Pimenta. Flávio Lenz explicou a maior participação dos homens:

Homens, normalmente, têm uma visão mais liberal da prostituição e conhecem muito mais as prostitutas, sabem o que é conviver com elas. De certa forma, prostitutas se igualam a homens na maior liberdade sexual. Ou melhor, elas os superam, e muito. Alguns homens, é verdade, manifestam discurso moralista e conservador geralmente da boca pra fora, transando o “vou tirar você desse lugar” mesmo que pagando mulheres. Outro dia mesmo, um cara mandou uma conversa do tipo em plena Praça Tiradentes. Só que lê freqüenta o pedaço há 20 anos. Por outro lado, muitas mulheres, egressas do feminismo ou do seu discurso profissional de “puta infeliz”, querem mesmo ouvi-lo. Há questões profundas de sexualidade ligadas a isso. A grande conquista do movimento e do jornal é o protagonismo, putas falando de putas, com apoio de profissionais do jornalismo. Não acreditamos em fazer móveis com especialista em informática. E boa parte de nós tem história em movimento social, tratando de temas tão relevantes como direitos humanos. As pessoas escolhidas por mim, em 2002, na volta do jornal, eram ou tinham sido colegas de trabalho em redações por aí. Quando o fiz, vi muito mais receptividade de homens, por conta do maior preconceito da própria mulher. Várias mulheres jornalistas (e colaboradoras de outras profissões), por outro lado, especialmente jovens, já contribuíram e contribuem para o jornal, entre as jornalista, Inês Amorim, Soraya Simões, Clara Cavour, Camila Abud, Cristina Cherigatti. Acho que agora o preconceito delas é menor. O importante, acredito, é o interesse pelo tema, a sensibilidade para a prostituição, a capacidade de se esforçar para ir além do preconceito e, sobretudo, aceitar e respeitar essas profissionais. Se homens ou mulheres...De minha parte, elas são muito bem vindas.⁷

Ainda segundo Flávio Lenz, as reuniões de pauta acontecem com a participação da equipe fixa da “Davida”, que inclui 12 prostitutas, além de outras mulheres, inclusive de outros estados, que enviam sugestões e textos. Atualmente, ele é distribuído para associações de prostitutas em 17 estados brasileiros e possui uma tiragem de sete mil exemplares, impressos em uma gráfica de Niterói, município do Rio de Janeiro, desde 2005.

⁷ Entrevista concedida por Flávio Lenz, editor do jornal Beijo da rua, em 7 de maio de 2006.

3.1.2. Nas páginas do jornal....

Ao longo dos 18 anos de existência, o “Beijo da rua” sofreu algumas modificações gráficas e editoriais, mas o perfil sempre esteve muito bem definido. Aqui, serão o conteúdo e a organização do primeiro número da publicação, que se estendeu por alguns anos, e em seguida serão traçadas as características das edições a partir de 2002, quando a nova equipe foi formada e o jornal passou a exibir outras seções.

O “Beijo da rua” é produzido em formato tablóide desde a primeira edição. O primeiro número da publicação era composto por oito páginas e, desde essa época, três assuntos estão presentes em quase todas as publicações: a valorização da profissão de prostituta, a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e a organização das garotas de programa como categoria profissional. Outra característica marcante é que dificilmente encontramos assuntos que fogem do “mundo da prostituição”. Geralmente as pautas são relacionadas às novas conquistas da classe, evidenciadas, principalmente, com o surgimento de associações de prostitutas ou com vitórias judiciais. Encontros nacionais ou internacionais que debatem o assunto, questões ligadas à saúde, entrevistas com garotas de programa ou com personalidades ligadas de alguma maneira à ocupação também são comumente noticiados.

A capa do primeiro número é formada por uma ilustração do corpo de uma mulher que ocupava praticamente toda a página, o logotipo do jornal está localizado na parte superior direita e abaixo dele, as chamadas das matérias. A página dois é composta pelo artigo de Gabriela Leite, sempre alinhado verticalmente à esquerda. Do lado direito da página, são publicadas poesias de autores famosos, como por exemplo, Manuel Bandeira e o expediente.

A edição exibe quatro matérias entre as páginas três e sete: “Prostitutas não vão em massa à zona eleitoral”, “Prostituição não é caso de polícia”, “Elas têm sexo e os meninos não!” e “Deus e o diabo na terra do Manguê”, que divide o espaço com as “Rapidinhas”, uma seção de notas sobre a prostituição. Os textos das reportagens são jornalísticos e em todos os casos a fotografia ocupa grande parte da página. A seção “memória”, um texto sobre a história da prostituição em um município brasileiro, fica na página oito.

Em 2002, como foi dito anteriormente, a equipe é reformulada e o jornal ganha novas seções. A capa do periódico não sofre grandes mudanças é composta por uma fotografia ou ilustração colorida, que ocupa quase toda a página. Geralmente a imagem é sobreposta pela

manchete principal, escrita com letras grandes e coloridas. Em quase todos os exemplares pesquisados, existe uma segunda fotografia alinhada à esquerda ou direita com chamada para uma matéria secundária. A logomarca do ‘Beijo da rua’, a mesma desde lançamento, é alinhada à esquerda ou direita dependendo da edição, a palavra “beijo” é exibida na cor vermelha. A fonte indica informalidade e lembra o uso do batom, já o termo “da rua”, aparece em negrito.



As colunas fixas do jornal são “Papo Davida”, seção sem titular fixo, “No Ponto”, notas assinadas por Flávio Lenz que substituíram as “Rapidinhas” e a “Coluna da Gabi”, única seção que existe desde o primeiro número do jornal e que já havia sido transferida para a última página na década de 90, ganhando mais visibilidade porque, segundo o editor, é a página de maior sucesso. Neste espaço, a fundadora da Davida conta fatos do dia-a-dia e trabalha a auto-estima das prostitutas, enfatizando a importância da valorização da profissão e da busca pelos direitos da categoria. O título do texto é escrito em negrito, mas a fonte e o tamanho variam. O texto ocupa toda a página e é envolvido por fios, o nome da coluna é centralizado, a locução “coluna da” aparece em caixa alta na cor preta e a palavra “Gabi” é escrita em vermelho. A fotografia de Gabriela Leite aparece ao lado do nome da coluna. O “olho” é um recurso gráfico encontrado em quase todas as edições, substituído apenas quando a autora faz alguma citação.

A linguagem do texto é coloquial e, inclusive, utiliza palavrões. Gabriela se apresenta durante todo o tempo como prostituta, mesmo sem exercer a profissão há anos. Essa postura aproxima a líder das “colegas” e reforça a posição de liderança do movimento. A “prostituta” Gabriela conhece bem as necessidades, os anseios e o cotidiano dessa classe, ninguém melhor do que ela para estar à frente das negociações políticas. Em 1992, Gabriela lançou o livro **“Eu, mulher da vida”** contando sua trajetória na prostituição, mas, principalmente ressaltando seu

⁸ Beijo da rua, Rio de Janeiro, dezembro. 2004, p.1, il Color

⁹ Beijo da rua, Rio de Janeiro, março. 2004, p.1, il Color

¹⁰ Beijo da rua, Rio de Janeiro, dezembro. 2005, p.1, il Color

ativismo político. Em 2005, a ex-prostituta se tornou representante da América Latina no Conselho de Coordenação do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (Unaids).

Outra característica do texto é apresentar a prostituição como uma opção, o perfil do jornal se reflete na coluna de Gabriela Leite. A imagem da trabalhadora que se sente feliz e deve se valorizar como cidadã é repetidamente construída na narrativa, por outro lado, os casos de exploração sexual e prostituição infantil, por exemplo, são raramente levantados pelo jornal:

Gente, ser prostituta, desde que nos assumimos como tal, é uma atividade tão boa e tão ruim como outra qualquer. Tem seus momentos bons e seus momentos ruins, mas se temos a consciência de que somos especialistas em fantasias sexuais, que não vendemos e nem alugamos nosso corpo e sim vendemos fantasias sexuais a homens ávidos dessas fantasias, então seremos mais felizes e poderemos viver nossa profissão com mais tranquilidade e até com orgulho. Eu tenho orgulho de ter exercido por tantos anos essa profissão. Tenho orgulho de conhecer homens e suas fantasias, tenho orgulho de ter dado felicidade a esses homens quando entendi suas fantasias.¹¹

Papo *Davida* é uma carta exibida na página dois, que em algumas edições, traz um resumo das matérias que compõem a publicação. A linguagem do texto é informal e utiliza recursos narrativos que aproximam os leitores do jornal:

Pode parecer mentira, mas não é. A verdade é que eu sou pernambucano dede criancinha. Nasci no Rio, ta certo, mas o mundo me conheceu foi no Recife, em 1988, quando fui lançado no I Encontro Norte-Nordeste de Prostitutas. Por isso estou tão feliz de ter minha capa e mais duas páginas dedicadas a esta cidade querida. Lá conheci “o Bairro”, como é chamado hoje o Recife Antigo, no cais do Porto. Frequentei bordéis que já não existem e me apaixonei por uma daquelas máquinas de música antiga, em que a gente vê o movimento do braço e dos discos de vinil. Muita coisa mudou, como contam as meninas entrevistadas por Sidney Motta. Inclusive elas, que estão criando uma associação para lutar por seus direitos. Bravo!¹²

A outra possibilidade é que essa coluna dê voz às prostitutas, que contam informalmente histórias interessantes de um dia de trabalho, por exemplo. O texto abaixo foi assinado por Jane Eloy, uma garota de programa que participa da “Davida” e trabalha na Praça Tiradentes:

Estava eu na casa do Paul em Macaé (RJ) dormindo. Quando acordei, às nove da manhã, tinha um gringo nu em minha cama e ele estava excitado.

¹¹ Beijo da rua, Rio de Janeiro, abril. 2002, p.8

¹² Beijo da rua, Rio de Janeiro, maio. 2002, p.2

Eu pensei que quem estava dormindo comigo fosse o Paul, mas me surpreendi ao ver esse gringo. Ele fez um programa comigo e gozou em cinco minutos. Fiquei frustrada, pois queria gozar com ele.

Subi para jogar tapão com os amigos na casa do Paul. Quem ganhasse, ganharia dinheiro; e quem perdesse teria que pagar uma prenda. A prenda seria jogar leitinho(o homem) e a mulher teria que fazer um *streap-tease* ou sexo ao vivo. Eu perdi e tive que fazer sexo na frente de todos, sendo que os outros participavam do jogo e escolhiam posições.

“Põe ela de quatro, toca siririca nela”. A minha sorte era que o homem em si era um negro lindo de 1,85 e um pênis enorme e maravilhoso. Fiquei feliz, pois consegui gozar!

O final foi interessante, pois todos que assistiam ficaram excitados e correram para o banheiro para se satisfazer da maneira que puderam. Tocaram punheta, siririca (as mulheres) e, o pior de tudo, não puderam nem transar devido às regras do jogo.¹³

A coluna é centralizada e delimitada por fios, as tipologias e os tamanhos das fontes utilizadas no texto e no título variam a cada edição. O nome da seção, assim como o título da carta, são centralizados na parte superior da página e separados por um fio. A lateral esquerda da página é ocupada com as chamadas para outras matérias da edição. Nesse espaço, o jornal traz fotografias e ilustrações relativas às reportagens que compõem o periódico. Os títulos das chamadas são apresentados em negrito e com a fonte maior do que o texto. A lateral direita exhibe o expediente do jornal. O cargo do integrante da equipe é colocado sobre o nome dele em negrito. O nome do membro aparece em caixa alta abaixo do expediente, existe um *box* com o nome da instituição que publica o jornal em negrito e logo depois, a apresentação das logomarcas das entidades que apóiam a “Davida”.

Geralmente, a coluna “Papo Davida” ocupa a metade superior da página, o espaço abaixo é ocupado de maneira diferente a cada edição. Ilustrações que demonstram o uso correto de preservativos, as cartas de leitores ou um anúncio são algumas das possibilidades encontradas nos exemplares do jornal acessados.

A coluna fixa “No Ponto” é assinada por Flávio Lenz. Nesse espaço, o editor escreve notas sobre vários assuntos relacionados à prostituição, informações dos bastidores da vida das prostitutas, dicas de lançamento de livros e notícias sobre novas associações que são criadas nos estados brasileiros. A coluna está localizada na parte superior da penúltima página do jornal - que varia de número como já foi explicado anteriormente - entre fios. O nome da seção é exibido na

¹³ Beijo da rua, Rio de Janeiro, novembro/dezembro. 2005, p.2

parte superior direita da página. Fotografias coloridas e ilustrações também são recursos gráficos utilizados na coluna.

Além das notas de Flávio Lenz, a penúltima página do jornal, contém a seção “Esquina Daspu”, que começou a ser produzida pelo ilustrador Aliedo em 2005 e trata de maneira bem humorada a criação da grife “Daspu”. A moda idealizada e lançada pelas prostitutas da “Davida” no fim de 2005 será o próximo assunto desse trabalho.

As páginas centrais do jornal apresentam a reportagem principal. Essa matéria ocupa duas ou quatro páginas, mas, em casos excepcionais, pode ganhar mais espaço. A reportagem de capa sobre o lançamento da grife “Daspu”, publicada na edição de novembro e dezembro de 2005, por exemplo, ocupou dois terços do periódico. A matéria de capa obedece às normas do português normativo, mas a linguagem é simples e segue a estrutura do texto jornalístico de pirâmide invertida. Fotografias e grandes ilustrações são recursos gráficos comumente utilizados no jornal. Os títulos aparecem em negrito, o tamanho e a tipologia variam. As matérias são sempre assinadas.

Além da matéria de capa, o jornal também traz reportagens secundárias, que ficam geralmente nas páginas três, quatro, nove e dez. As notícias são referentes à saúde, legislação ou à criação de novas associações. A linguagem é jornalística com frases curtas e a utilização de fotografias coloridas também é muito frequente.

A estrutura gráfica e principalmente o conteúdo do “Beijo da rua” obedece a um padrão bem simples. Trata-se de um tablóide em que as matérias são ilustradas com muitas fotografias e a temática da prostituição é a base de todas as edições. Dificilmente esse jornal poderia ser vendido em bancas porque os assuntos abordados interessam a uma parcela muito pequena da população. Por outro lado, ele foi criado também para ajudar na integração das associações espalhadas pelo país. Nesse caso, a função é cumprida apenas em alguma proporção, já que a tiragem atual é pequena, se comparada ao número de prostitutas que existem no Brasil.

Sem dúvida, entretanto, a criação do jornal proporcionou visibilidade à organização das prostitutas. Entre 17 de dezembro de 1988 e 28 de abril de 1989, foram produzidas 20 matérias em veículos impressos, inclusive internacionais, sobre o periódico das prostitutas. Em todas essas publicações, a imprensa mostrou respeito, sem a utilização de nenhum termo pejorativo.

3.1.3. Profissionais do sexo ou profissionais da moda?

A organização do movimento das profissionais do sexo começou a perceber a importância da visibilidade para a quebra do estigma e da discriminação no final da década de 80. O jornal editado pela “Davida” é apenas um exemplo dessa militância, que faz uso da mídia como grande aliada, mas talvez a visibilidade que o periódico proporciona seja limitada por várias razões: trata-se de matérias que interessam quase exclusivamente às garotas de programa. O jornal é distribuído em associações ligadas à prostituição. Assim, a história de vida, os desejos, as necessidades e as vitórias dessas mulheres não são divulgados para a maioria da população. Em uma tentativa de aliar visibilidade e geração de recursos, as prostitutas desenvolveram uma fórmula capaz de tornar a sua atividade mais presente no cotidiano da sociedade: uma grife elaborada e produzida pelas profissionais do sexo. As “mulheres invisíveis” ganharam mais notoriedade entrando no mercado da moda, quem diria, agora, elas ditam regras.

Em julho de 2005, quando a “Davida” comemorou 13 anos. Naquela ocasião, a equipe que faz parte da instituição se reuniu para elaborar novos projetos. Durante a conversa, Gabriela Leite reavivou a antiga proposta de criar uma grife. O designer Sylvio de Oliveira, que faz parte da ONG é quem sugeriu o nome “Daspu”, “das”, originado pela contração da preposição “de” com o artigo ou pronome “a”, “pu”, designaria a profissão das idealizadoras. O grupo foi unânime: a moda das prostitutas seria lançada e o batismo acabara de acontecer.

Em novembro, a coluna do jornalista Elio Gaspari, no jornal O Globo, noticiava a criação de uma nova grife comandada por prostitutas. O furo de reportagem fez com que toda a equipe envolvida com a “Daspu” trabalhasse em ritmo acelerado porque a previsão era de que os primeiros lançamentos acontecessem apenas em 2006. A repercussão foi grande, primeiro por se tratar de uma iniciativa das garotas de programa; depois, porque a “Daslu”, uma famosa e poderosa loja paulista, enviou uma notificação a “Davida” exigindo a troca do nome.

A tentativa de prejudicar o trabalho das prostitutas teve o efeito inverso, pois elas passaram a freqüentar as capas de revistas, jornais, os programas televisivos e radiofônicos em todo o país. A discussão entre as duas marcas foi matéria de muitos veículos nacionais, entre eles, TV Globo, jornal O Globo, revista Época, revista Veja, jornal O Dia, jornal Folha de São Paulo, jornal Estado de São Paulo e jornal francês *Le Monde*. Depois de muita discussão mediada pela imprensa - de novembro de 2005 a abril de 2006, a “Daspu” apareceu pelo menos 31 vezes na

mídia ¹⁴ e de uma notificação extrajudicial que ameaçava acionar a justiça, a “Daslu” desistiu de processar a grife quase homônima.

O primeiro desfile realizado pela “Daspu” aconteceu em dezembro de 2005, na Praça Tiradentes, histórico cenário da boemia, localizado no Centro do Rio de Janeiro. As modelos eram as próprias prostitutas, que desfilaram as primeiras dez marcas em uma passarela improvisada com pétalas de rosas vermelhas. A participação no *Fashion Rio*, importante evento de moda, que acontece anualmente na capital carioca também marcou a recente história da “Daspu”. Em junho de 2006, a coleção primavera / verão foi lançada no Rio de Janeiro, com linha completa de roupas e acessórios. A coleção foi preparada pela estilista Rafaela Monteiro, mas as prostitutas participaram da elaboração e confecção dos artigos de vestuário, além de desfilarem as roupas na passarela.

A “Daspu” não vai vender apenas roupas para as profissionais do sexo. Foram elaboradas cinco linhas. Batalha é a moda das mulheres que vão trabalhar nas boates e zonas; lazer, para ser usada no dia-a-dia; folia, como o próprio nome diz, são peças dedicadas aos dias de carnaval, a primeira camiseta “Daspu” foi feita para o bloco “Prazeres Davida”; ativismo, composta pelas blusas com mensagens ligadas a temas como direitos humanos e cidadania foi a primeira linha de trabalho da marca; prazer é a coleção de lingerie, desenvolvida em parceria com o empreendimento franco-brasileiro *ModaFusion* (as roupas íntimas da “Daspu” ganharam uma importante aliada, Fifi Chachnil, estilista da cantora Madonna, veio em junho para desenhar peças exclusivas para a grife).

Segundo a equipe da “Davida”, a “Daspu” foi criada com dois objetivos principais: a geração de recursos para os projetos sociais da instituição e a ampliação da visibilidade da atuação do movimento de prostitutas na luta contra o preconceito e pelos direitos e cidadania dessas profissionais. A “Davida” recebe, por ano, aproximadamente 330 mil reais do Programa Nacional de Aids, do Ministério da Saúde e pouco mais de 400 mil reais de uma instituição alemã. Segundo Gabriela Leite, o orçamento é insuficiente para desenvolver os projetos da ONG que não é beneficiada pela “responsabilidade social” das empresas. Para Gabriela, as prostitutas “não têm vez”. Em matéria publicada na revista Istoé Dinheiro, a coordenadora da “Daspu” afirma que já enviou projetos para companhias importantes e renomadas, mas não houve resposta, por isso a idéia de um negócio auto-suficiente.

¹⁴ O número é referente apenas às matérias publicadas em veículos impressos

O sucesso comercial começou a ser sentido nos primeiros meses de vida da “Daspu”. Em sessenta dias, a grife vendeu aproximadamente mil camisetas, que custam em média 26 reais e trazem mensagens sobre prevenção a Aids e a favor da legalização da prostituição. O *site* da marca tem três mil clientes cadastrados e registrou, até maio de 2006, 360 mil visitas. Além disso, a sede da ONG também recebe encomendas diárias. Três lojas localizadas no Rio de Janeiro, São Paulo e Niterói serão as primeiras a venderem os artigos “Daspu”, mas, de acordo com a direção da grife, a proposta é criar uma loja exclusiva.

A “Daspu” não será a única marca de prostitutas por muito tempo. Pelo menos não se depender das mulheres que trabalham na Vila Mimosa. Elas pretendem lançar um antigo projeto ainda esse ano. Antes de falarmos sobre essas expectativas, vamos fazer um resumo sobre a história dessa zona de confinamento, uma das principais áreas de prostituição do Rio de Janeiro.

A trajetória da Vila Mimosa começa no início do século passado, quando imigrantes do leste europeu vieram para o Brasil fugindo da fome, peste e miséria ocasionadas pela Primeira Guerra Mundial. Entre essa população, havia muitas mulheres, que pobres e sem os maridos começaram a se prostituir. Ao longo dos anos, as polacas, nome como as européias ficaram conhecidas, e as brasileiras passaram a dividir o mesmo espaço da Zona do Mangue, local próximo à atual Avenida Presidente Vargas.

Nas décadas de 30 e 40, o Mangue passou por momentos de ascensão, quando cerca de três mil prostitutas ocupavam o local no centro do Rio de Janeiro. Até a década de 50, o Mangue era cenário de muitas manifestações culturais. Bares, gafieiras e cafés eram frequentados por artistas famosos como Di Cavalcanti, Manuel Bandeira e Cartola, que dividiam o espaço com marginais, travestis e cafetões. O sincretismo cultural proporcionava um charme à área e ao mesmo tempo representava uma resistência à burguesia industrial. Apesar da presença de milhares de prostitutas, o Mangue era um local de diversão que sediava o comércio, cinemas, confeitarias e, em consequência, tinha a presença constante de famílias.

Em 1943, a aprovação do projeto para a construção da Avenida Presidente Vargas, gerou a necessidade de desapropriar a área. Cerca de 500 prédios, quatro igrejas, a sede da prefeitura e parte do Mangue foram demolidos. Em 1945, famílias se organizaram para ocupar a Zona do Mangue, em uma tentativa de evitar que a prostituição ocupasse outros espaços na cidade. Na década de 50, as prostitutas trabalhavam nas proximidades da Avenida Presidente Vargas e

passaram a trabalhar também na Rua Visconde Duprat, uma pequena área, denominada “Manguinho”.

O metrô chegou ao estado em 1975, com a promessa de reurbanizar a Cidade Nova, assim, o Mangue foi reduzido a 30 bordéis e freqüentado por aproximadamente 800 mulheres. Em 1987, a TV Rio Canal 13 se instalou em terreno vizinho ao Mangue e o pastor Nilson do Amaral Fanini iniciou uma campanha para a retirada de cerca de mil mulheres que trabalhavam no local. Diante das ameaças, as garotas de programa procuraram o prefeito Saturnino Braga que prometeu intervir a favor das antigas moradoras.

Apesar das promessas de apoio do prefeito, as ameaças de desapropriação continuaram, então as prostitutas organizaram o evento “O Mangue resiste”, um ato público no Circo Voador, que contou com o apoio do Iser e reuniu artistas, religiosos, intelectuais, e, é claro, as principais interessadas, na tentativa de preservar a área de prostituição. Com a denúncia por meio da imprensa e a pressão contínua, as garotas de programa tiveram seu direito assegurado. Em 23 de março de 1988, o vice-prefeito Jó Resende concedeu em comodato - empréstimo por tempo determinado – as 44 casas da zona. Nos meses seguintes, a prefeitura realizou obras de infraestrutura no local e na mesma época foi criada a Associação dos Moradores e Amigos da Vila Mimosa (Amocavim), novo nome atribuído à Zona do Mangue.

Entretanto, no fim de 1991, a Associação recebeu uma notificação da prefeitura exigindo a saída das prostitutas em um período máximo de dois meses porque a área seria demolida para a “melhoria do ordenamento da cidade”. Em janeiro de 1992, a zona se mudou para a Praça da Bandeira, na Rua Ceará. O nome Vila Mimosa foi mantido, assim como a organização, as casas, e a comunidade. Atualmente, é difícil estimar o número de mulheres que trabalham no local porque as prostitutas não têm vínculo empregatício, portanto em períodos que a Vila Mimosa não é muito procurada pelos clientes, por exemplo, o número de mulheres é bastante reduzido. No entanto, a coordenadora de projetos da zona calcula que o número de profissionais do sexo varie entre dois e cinco mil.

A idéia de criar uma grife da Vila Mimosa começou em 2002, quando o Programa de DST Aids, do Ministério da Saúde, realizaria uma palestra sobre prevenção de doenças. No entanto, a coordenadora de projetos, Cleide Almeida, não conseguiu reunir um número suficiente de profissionais do sexo para o evento. A partir disso, ela começou a planejar uma ação que

atraísse o público e promovesse informação ao mesmo tempo. A solução encontrada foi produzir um desfile de moda com a participação das garotas de programa do local.

O evento, realizado em um galpão próximo à zona, atendeu às expectativas e reuniu cerca de trezentas pessoas. Durante a brincadeira, eram distribuídos preservativos e material informativo sobre as doenças sexualmente transmissíveis. Segundo Cleide, o desfile foi um sucesso e incentivou “as meninas a lançarem uma grife que se chamaria Gatinha Mimosa”, no entanto, a falta de recursos não permitiu que a idéia fosse desenvolvida naquela época.

Em 2005, o Ministério da Cultura, criou um projeto para capacitar 180 prostitutas da área da Vila Mimosa em corte e costura, chapelaria e adereços. A mão-de-obra foi utilizada por uma escola de samba do “Grupo C” do Rio de Janeiro. Na ocasião, 232 fantasias foram produzidas e a idéia de criar a grife foi retomada. No início de 2006, a “Gatinha Mimosa” participou de um desfile em São Paulo exibindo as fantasias produzidas para o carnaval. Os primeiros modelos da marca são camisetas e saias jeans bordadas pelas prostitutas, mas Cleide espera conseguir parcerias para capacitar as garotas, contratar profissionais e investir na produção.

A previsão é de que a grife seja lançada em setembro de 2006 e priorize a confecção de modelos para festas, a idéia principal é transformar a “Gatinha Mimosa” em cooperativa e depois criar um instituto de beleza, em que as mulheres seriam capacitadas para atuarem como cabeleireiras, manicuras e esteticistas. Os lucros dos dois empreendimentos seriam revertidos para as garotas de programa. De acordo com Cleide, essas iniciativas são importantes para “levantar a auto-estima das mulheres”. A proposta da Vila Mimosa é bem parecida com o objetivo da “Daspu”, ambas querem auxiliar o fortalecimento da cidadania das prostitutas, no entanto, quando perguntamos sobre a concorrência com a grife mais famosa, Cleide foi taxativa: “Nossa proposta é outra, não queremos fazer roupa para prostitutas, mas sim, para mulheres, independente da profissão que elas tenham”. O tom de voz da coordenadora da Vila Mimosa já deu o primeiro indício de que a relação entre as duas representações era conflitante.

Durante uma conversa de mais de duas horas, Cleide falou sobre os planos para a futura grife, mas também relatou alguns pontos de divergência com a “Davida”. A Associação da Vila Mimosa defende mecanismos para o desenvolvimento da cidadania das prostitutas, realiza projetos de capacitação profissional, por meio de cursos, mas acredita que a condição dessas mulheres é um problema social. Cleide citou exemplos de moradoras da zona que tentaram o suicídio e segundo ela, a maioria das garotas de programa exercem a prostituição por falta de

opções. O texto exibido na página inicial do *site* da “Amocavim” demonstra a postura da entidade:

Esta pode até não ser a profissão mais antiga do mundo, mas que merece respeito, ninguém duvida. Tanto que hoje o Ministério do Trabalho reconhece a “profissão do sexo” como ocupação legal. E não podia ser diferente, afinal, através dela, mulheres de todas as raças e épocas aliviaram a ansiedade, supriram a carência e elevaram a auto-estima dos homens. Por isso tudo, elas devem ser tratadas pelo que são: cidadãs, eleitoras, trabalhadoras e, em muitos casos, mães... A AMOCAVIM sabe disso e quer garantir a essas brasileiras direito à saúde, ao trabalho e à dignidade. Para que elas aprendam a construir o futuro desde já, investindo em bens como educação, casa própria, poupança e aposentadoria. Afinal, elas merecem ser felizes.¹⁵

Analisando o material distribuído pela “Davida” e lendo o livro de Gabriela Leite, percebe-se que a posição da entidade é contrária à visão da Vila Mimosa. Todo o trabalho desenvolvido pela primeira procura valorizar as garotas de programa, incentivar o fortalecimento da organização dessas profissionais, mas acima de tudo proclamar que ser prostituta é normal, uma opção e motivo de orgulho. Em um dos *folders* da Rede Brasileira de Prostitutas, da qual Gabriela é representante, a Associação da Vila Mimosa é apresentada como uma entidade “controlada por cafetinas”.

Independente dos problemas internos, a iniciativa e ousadia das prostitutas de entrar no mercado formal e gerar lucro através de um setor tão seletivo como a moda demonstra a capacidade de organização dessas mulheres. Além da movimentação do capital, a visibilidade que projetos como esses proporcionam por meio da mídia espontânea é importante para o desenvolvimento da cidadania e da quebra do estigma porque a sociedade é obrigada a olhar e a falar sobre esses indivíduos. As peças da “Daspu” estão circulando pelo país, as informações sobre a marca estão nos jornais, brevemente a Gatinha Mimosa será concorrente e tudo isso é notícia.

¹⁵ Associação dos Moradores e Amigos da Vila Mimosa. AMOCAVIM. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <http://www.amocavim.com.br>. Acesso em: 8 jun 2006.

4. Profissional da mídia

Entre as lembranças que cada um de nós traz consigo, algumas há que só contamos aos amigos. Outras, nem aos amigos revelaríamos, mas apenas a nós mesmos e ainda sim em segredo. Finalmente, há outras coisas que o homem tem medo de contar até a si mesmo, e cada homem honesto conserva com número dessas lembranças guardadas em sua mente.

Fiodor Dostoievski

Até agora fornecemos alguns exemplos das ações desenvolvidas por prostitutas na tentativa de diminuir o estigma. Nesses casos, as mulheres se organizam em grupos ou associações que reivindicam direitos à cidadania. Esse capítulo, vai descrever a trajetória de uma prostituta que desenvolveu um percurso diferente das “colegas politizadas”. A importância da visibilidade na vida dessa mulher não está ligada às causas de uma classe, mas sim a uma pretensão particular.

Raquel Pacheco pertencia a uma família de classe média em São Paulo, na adolescência descobriu ser filha adotiva e desde então começou a usar drogas, sofreu de bulimia e cleptomania. O momento de transição na vida da jovem teve início quando, ao roubar jóias da mãe, foi descoberta pela família, que ameaçou mandá-la para a “Febem”, internato destinado a menores infratores. Diante da situação, a adolescente de 17 anos, decidiu sair de casa e procurar emprego, mas a falta de experiência era um grande obstáculo. Raquel começou uma busca em casas de massagem e boates, até que se decidiu por um *privê* da alameda Franca, nos Jardins, bairro nobre de São Paulo. A menina que saiu de casa com uniforme escolar aos poucos aprendeu a trabalhar como garota de programa e ganhou dinheiro suficiente para não procurar a família. O primeiro dia na profissão lhe rendeu sete clientes e um novo nome: Bruna.

A história de Bruna seria mais uma em meio a muitas outras, se depois de um ano de profissão ela não tivesse começado a escrever um *blog*, contando seus dias de trabalho, aventuras, problemas e decepções. Descrever as amenidades e peripécias da vida de uma prostituta foi uma idéia que surgiu no fim de 2003, quando a garota de programa procurou *blogs* de colegas de profissão em um *site* de busca na *internet* sem encontrar nenhuma página dedicada a esse assunto. Em uma noite de solidão e tristeza - como ela descreve no livro “**O Doce Veneno do Escorpião**”-, Bruna começou a escrever o diário eletrônico contando todas as suas dores e

problemas. No texto, ela fazia um resumo de sua história e afirmava que “fazer programas não valia a pena”. Na dissertação de mestrado “*Blogs – comunicação e escrita íntima na internet*”, Denise Schittine fala sobre a exposição controlada nos diários eletrônicos, em que o autor não tem envolvimento pessoal com o público e pode manifestar suas características mais escondidas ou pouco desenvolvidas. Para Schittine, o grande desejo do diarista é ser amado e aceito, para isso, ele reduz o risco da rejeição exibindo sua história para uma platéia formada por desconhecidos.

Em janeiro de 2004, a prostituta mudou o perfil do texto e passou a relatar sua rotina, principalmente a intimidade com os clientes. Ela classificava as relações sexuais em três níveis: “transa mecânica”, quando a atração física não acontecia e a relação era sem prazer; “namoradinho”, em que o cliente era carinhoso e o sexo era semelhante ao realizado por casais apaixonados e “putaria”, momentos em que Bruna atendia os desejos mais inusitados. Um problema no provedor a levou a desistir do diário, mas logo depois, um amigo que trabalhava na área de informática sugeriu que a garota de programa criasse um *site* particular, em que o *blog* seria mantido e outros recursos, como a disponibilização de fotografias seriam possíveis. A partir dessa mudança, as histórias de Bruna, que ganhou o apelido “Surfistinha” de um cliente, começaram a ser acessadas por um número maior de espectadores.

A grande quantidade de *blogs* disputando a atenção na rede obriga o autor dos diários a desenvolver técnicas de sedução, seja através de recursos dominados por poucos ou pelo simples uso da criatividade. No caso de Bruna, o assunto principal atraía os olhares da platéia. Ainda em 2004, a página ocupava o segundo lugar entre as mais visitadas da *internet*. Em junho de 2004, os relatos de Surfistinha passaram a ser padronizados, sem muitos detalhes. Nessa época, Bruna chegava a fazer dez programas por dia e o tempo para desenvolver as histórias no diário era escasso. Abaixo, um exemplo da descrição de um programa feito pela prostituta:

Quarta, 27. Primeiro Programa
 Perfil do Cliente: a princípio, doidinho. Depois, até que ficou legalzinho.
 E é muito safadinho. Não rolou química nem afinidade.
 Estilo do programa: mecânico
 Fato interessante: ele comeu minha bu...pensando que fosse o c...Mas a culpa não foi minha. Eu juro.
 Primeiro tempo: nos chupamos, mas ninguém gozou assim. Ainda bem.
 Daí, cavalguei até ele virar os olhinhos.
 Segundo tempo: Fiquei de quatro e fizemos anal...ops...vaginal, até ele gozar.¹⁶

¹⁶ SURFISTINHA, B. 2005, p. 94

A idéia, que era um passatempo, se tornou um sucesso. Depois da fama na internet, Surfistinha começou a aparecer em programas de TV e em entrevistas nas rádios, nos jornais e nas revistas de todo o país. Segundo o *blog* da prostituta, desde sua primeira aparição na revista “Época”, em setembro de 2004, já foram feitas mais de cem entrevistas em mídias nacionais e internacionais. “TV Globo”, “Jornal do Brasil”, revista “VIP”, site “No Mínimo”, “Rede TV”, revista “Isto É”, “BBC”, de Londres, jornal “*The New York Times*”, dos Estados Unidos, além de revistas suíças, alemãs, norueguesas e francesas são alguns dos veículos que já noticiaram a vida dessa mulher.

Em novembro de 2005, Bruna lançou o livro “**O doce veneno do escorpião**”, em que conta detalhes sobre os programas, preferências sexuais e situações inesperadas. As histórias proibidas de Bruna Surfistinha são o ponto culminante e ocupam as últimas páginas da obra. Em duas semanas de lançamento, a primeira edição já estava esgotada. Segundo a revista “Veja”, em 20 de novembro de 2005, o livro de Bruna Surfistinha ocupava o segundo lugar no *ranking* dos mais vendidos. Até janeiro de 2006, a publicação estava na quinta edição e alcançava a marca de cem mil exemplares.

A carreira de prostituta de Raquel Pacheco acabou em outubro de 2005. O motivo parece ter sido copiado dos filmes americanos que pregam um final feliz: ela conheceu um cliente, com quem manteve um relacionamento de alguns meses e os dois resolveram se casar. Em 26 de outubro de 2005, Raquel publicou em seu *blog*, uma carta para aqueles que acompanharam sua trajetória pela rede de computadores cujo título é “Despedida desse mundinho”. No texto, ela fala de sua alegria ao abandonar a antiga atividade, faz um resumo dos motivos que a levaram à prostituição, lembra dos momentos em que foi difícil atender os clientes desconhecidos, agradece a todos que participaram dos diversos episódios de sua “carreira” e deixa “dicas” para que homens e mulheres tenham uma vida sentimental mais feliz:

Eu não acredito! Acabei de atender o meu último cliente. A ficha ainda não caiu, mas beleza, amanhã, quando eu acordar, eu pensarei: Eu não sou mais puta e aí sim a ficha cairá! Pois é, galera, foram três anos e oito dias de putaria e estou aqui para me despedir de vocês como “Bruna Surfistinha”. Nesses três anos, fui Bruna durante oito meses, Fernanda por quatro meses e Bruna Surfistinha por dois anos. Nunca tive vergonha, assumi de cara limpa, ninguém pagou as minhas contas, o corpo é meu e a vida é minha. Ter vergonha do quê, então? Nunca me senti como uma prostituta, digo que fui uma namoradinha de aluguel. Interpretei muito bem a minha personagem e sempre consegui separar a profissão da minha vida pessoal. Para mim, ser prostituta foi como se eu fosse uma atriz,

onde eu interpretava uma única personagem: a Bruna Surfistinha. Eu me sentia como se estivesse num teatro: onde eu era a protagonista, o palco era a cama, o figurante era o cliente e a platéia não existia.¹⁷

Apesar de ter abandonado a atividade, a ex-prostituta continuou escrevendo o *blog*, sendo assediada pela mídia e em consequência de tudo isso uma nova carreira surgiu: a de empresária. Em 24 de março de 2006, Raquel anunciou que seu livro será vendido em toda a América Latina, Caribe e Estados Unidos, além disso, também afirmou que o áudio-livro, onde conta histórias inéditas e picantes está pronto para entrar no mercado. As viagens para o lançamento do livro no exterior começaram em maio de 2006, quando Raquel esteve durante duas semanas no Uruguai, Chile e Argentina. Na ocasião, a ex-prostituta foi entrevistada por mais de cinquenta veículos desses três países. Outro investimento da recém empresária é o “Portal do Banho”, um site para a venda de uma linha de artigos artesanais para higiene pessoal, lançada em maio de 2006. A última grande conquista de Raquel Pacheco é a proposta de lançar um longa-metragem baseado em sua história.

4.1. Navegando pela internet....

A página inicial do diário de Bruna Surfistinha é composta por uma foto grande da garota de programa, pelos *posts* da semana, textos escritos diariamente contando, na maioria das vezes, banalidades cotidianas. À direita da tela, encontramos os assuntos divididos em “categorias”. Por ser um diário, a linguagem é informal, o uso de gírias e palavrões é constante. O tema principal do *blog* antes de Bruna deixar a profissão era os programas, depois da “aposentadoria”, a garota começou a dedicar o tempo e o espaço na *internet* para promover os novos empreendimentos. Em quase todos os ícones existe alguma referência a entrevistas ou produtos da “marca” Bruna Surfistinha. Para tornar a descrição do *site* mais simples, vamos dividir as “categorias” criadas pela ex-garota de programa em quatro grupos que apresentam características semelhantes. Praticamente todas as informações desse diário eletrônico são passadas pelos textos, o recurso de imagens não é muito explorado nesse *site*, não existe, por exemplo, um ícone dedicado às

¹⁷ Bruna Surfistinha. São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.bruna-surfistinha.com/blogs> Acesso em: 03 mai 2006.

fotografias da ex-garota de programa. As cores da página também são discretas, basicamente branco e cinza.

Nas categorias “All”, “Notícias da semana”, “O Dia”, “Eu e o Pedro”, “Despedida desse mundinho”, “Ninguém merece” e “Ossos do ofício”, Raquel fala do dia-a-dia, conta sua intimidade com o marido, relata os momentos curiosos em sua passagem pela prostituição e também fala das novidades nas atividades atuais. Entrevistas, viagens para divulgação do livro e notícias sobre a linha de cosméticos “Portal do banho” são os assuntos principais. Em “Ossos do ofício”, ela escreve sobre situações engraçadas que viveu enquanto era garota de programa:

Eu vou direto ao assunto pois não há muitos detalhes.

Então, eu estava fazendo oral neste cliente, lembro que ele estava demorando para gozar... Até que, um segundo antes dele gozar, ele soltou um pum!

Isso mesmo! Eu juro!! Vocês precisavam ver a minha cara!!! Eu não sabia se ria, se ficava brava ou se saía correndo.

Bom, ele obviamente ficou muuuuito sem graça, pois logo em seguida que escutei o "barulhinho", eu olhei para a cara dele e ele, estava vermelho como um pimentão!

Eu fiquei estática, como se estivesse congelada. Fiquei segurando o p. dele, olhando para a cara dele, sem conseguir ter qualquer tipo de reação. Na minha cabeça apenas passava o seguinte: "Não, ele não fez isso!!!". E isso foi um segundo antes dele gozar. Não sei como ele não broxou, pois quando consegui mover a cabeça e olhei "para baixo" a camisinha estava "cheia".

Eu deitei ao lado dele. Não conseguia olhar sequer para a cara do indivíduo, pois se eu olhasse, eu não tenho dúvidas de que riria da situação.

Ficamos vários minutos em silêncio. Os dois olhando para o teto. Até que ele quebrou o silêncio me pedindo desculpas. Eu respondi: "Tudo bem, acontece!"

Mas pedir desculpas foi o mínimo que ele poderia ter feito.

Sei que não foi de propósito, tanto que enquanto conversávamos, eu cheguei na conclusão que isso aconteceu porque ele fez "muita força" para gozar e acabou fazendo mais força do que deveria.

O mais "estranho" é que este cliente já tinha feito uns três programas comigo. E depois deste dia, nunca mais voltou. Por que será ??? Alguém sabe me responder? rs

Pois é galera, depois dizem que vida de puta é fácil.

Mas nós passamos por cada situação... que até Deus duvida!!!

Abri este tópico para contar estas minhas histórias. Algumas engraçadas, outras tristes, mas histórias reais de uma (ex) garota de programa.

E daqui um tempo, vocês saberão o porquê não vale a pena fazer programa e que mais do que isso, a nossa "vida bandida" não é tão fácil o quanto parece ser.

Pois temos vários ossos do ofício...¹⁸

“Meu currículo”, “Meu currículo pós-aposentadoria”, “Meu livro”, “Minha agenda”, “Entrevistas Internacionais” e “Minha noite de autógrafos” são ícones dedicados exclusivamente à “carreira de celebridade” de Raquel Pacheco. Nessas “categorias”, a empresária lista as entrevistas, incentivando o público a acompanhar sua trajetória em outras mídias. Além disso, ela lembra eventos que considera importantes como o lançamento e noite de autógrafos do livro “O doce veneno do escorpião”, fala sobre o sucesso de sua biografia e às vezes copia entrevistas inteiras sobre ela e publica em seu diário eletrônico. Abaixo, uma espécie de “carta de apresentação”, exibida em “meu currículo”:

Quando eu coloquei na cabeça de que a opção mais fácil que tinha para me sustentar quando saísse da casa dos meus pais, seria fazer programa, então pensei: "Já que eu vou ser puta, eu não quero ser qualquer uma". Porque quem está na chuva é para se molhar...
 Ao mesmo tempo, nunca tinha passado pela minha cabeça de que um dia, jornalistas me procurariam para me entrevistar. O ‘ não quero ser qualquer uma’ foi no sentido de que eu seria a mais liberal possível e queria mexer com a cabeça dos homens, de certa forma.
 Quem é escorpiano me entende muito bem... e se eu fosse uma estrela no céu, eu faria de tudo para que eu fosse a que tivesse mais brilho. Porque escorpiano é phoda.
 Da mesma forma que eu não queria ser qualquer ‘puta’, eu também não quero ser qualquer ser humano que passou pela Terra, viveu sua vida, morreu e só.
 Sou aventureira e nunca consegui me imaginar numa vida monótona, numa vida única, sempre quero mudar.
 Quando eu digo que pararei neste ano, acreditem. Há sim ex-putas. Porque também somos mulheres e por isso, sonhamos com uma vida normal. Uma vida rodeada pelos filhos e pelo marido.
 Quando eu me ‘aposentar’ e me lembrar dessa fase de garota de programa, lembrarei apenas das coisas boas. Esquecerei dos sacos fedidos que tive que cheirar, das mãos suadas, dos cavalos, do preconceito e das críticas. Foi uma fase boa e que eu guardarei na memória com carinho...
 O preconceito não sou eu que acabarei. Pois está na cabeça de cada um. E todos nós temos o direito de ser contra á algo. Quanto às críticas ao meu respeito, eu dou risada porque eu também gosto de falar da vida alheia. Ainda mais porque crítica de mim, é o que me dá mais ibope.
 Quando eu sento disposta para responder os emails que tenho recebido - em média 150 por dia - eu vejo o quanto eu sou uma pessoa especial para muitos. Apesar de fazer programa.
 As coisas fáceis, todos fazem. As difíceis, só os bons...¹⁹

¹⁸ Bruna Surfistinha. São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.bruna.surfistinha.com/blogs>. Acesso em: 15 mai 2006.

“Conte seu conto”, “Eu no orkut”, “FAQ” e “Meu e-mail” são as categorias em que Bruna tem um contato mais direto com os espectadores respondendo a dúvidas sobre sexo (FAQ) e fornecendo seu endereço virtual (e-mail). O ícone “conte seu conto” é o espaço destinado às histórias enviadas pelos fãs de Bruna Surfistinha. Na maioria das vezes, trata-se de crônicas sexuais:

Tudo aconteceu em 1997 na noite do aniversário de 15 anos de minha namorada, lá estava eu e meu chevetinho zerinho, na porta de sua casa, em um condomínio fechado bem afastado de Belo Horizonte, era quase um Sítio.

Chegando lá, não entrei como de costume, pois queria entregar-lhe um pequeno anel de brilhante que comprara com um sacrifício enorme. Então, resolvi dar uma volta no quarteirão e parar o carro numa rua próxima a sua casa, porém num local muito ermo, conversa vai, conversa vêm... A lua estava linda! Bem no topo do céu... Foi quando tive a infeliz idéia de aumentar o som e abrir o teto solar do meu chevetinho, coisa de adolescente... Foi pintando um clima, rolando uns sarros, peitinho na boca, ela chupando meu pau, em suma, estava tudo uma delícia, um verdadeiro sonho de adolescente...

De repente sem que nós percebêssemos nada, a festa surpresa foi transferida para rua mesmo, pois estávamos demorando muito, e devido ao som alto, o filme nos vidros e a escuridão quase total, se não fosse a lua, acenderam os faróis de uns quatro carros, simultaneamente ao canto de parabéns pra você e a minha gozada, ela assustadíssima tirou a boca do instrumento, levantou-se rapidamente tentando vestir a roupa, eu num ato de reflexo na tentativa de puxar a calça, levantei o corpo bruscamente uns 30 cm do banco que estava deitado, foi a gozada mais alta que dei na minha vida, e o pior, é que a mãe da minha namorada colocou a cara no vão do teto neste exato momento, não deu outra, a cusparada pegou em cheio, bem no meio da cara, ela não sabia se limpava ou disfarçava, pois estava na presença de umas 30 pessoas, inclusive do vovô, vovó... O sogrão queria me matar, não sei se pela esporrada na lata da patroa ou pela perda da pseudo- inocência da donzela.²⁰

Finalmente os ícones “Para alguém” e Rir é o melhor remédio”. “Nessas categorias, Bruna disponibiliza textos que não são de sua autoria. Letras de música, poesias ou trechos de autores desconhecidos que ela recebeu de amigos são alguns exemplos do conteúdo desse grupo.

O perfil do diário eletrônico de Bruna Surfistinha vai ao encontro do que foi falado no início desse capítulo. Mais do que se tornar famosa e rica, Raquel queria ser ouvida e o *blog* foi a maneira que ela encontrou para isso. No livro **“O Doce Veneno do Escorpião”**, ela conta que

¹⁹ Bruna Surfistinha. São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.bruna.surfistinha.com/blogs>. Acesso em: 15 mai 2006

²⁰ *ibid*

seu principal objetivo era ser vista pelos pais, com quem não mantinha contato desde a época em que saiu de casa. Lendo o livro e analisando o *site* é possível perceber o quanto ela precisa de “olhares de aprovação”. Na *internet*, ela podia ser ela mesma, não só a Bruna Surfistinha, mas a Raquel Pacheco. Isso fica claro porque nas primeiras vezes em que ela utilizou o *blog* foi para desabafar e não para tornar públicos seus serviços sexuais. Ela queria ouvintes, confidentes e não espectadores.

A fórmula de sucesso que ela desenvolveu por acaso mudou os rumos dessa história. A curiosidade do público passou a ser estimulada por Bruna Surfistinha. Mas por que motivo a vida íntima de alguém interessaria a outras pessoas? Denise Schittine fala sobre esse assunto:

Os diaristas virtuais buscam uma espécie de espelho no outro. A formação de uma sociabilidade virtual baseada nos pontos em comum que os “blogueiros” e leitores descobre entre si. Um voyeurismo proveniente da solidão e de uma vida em que as regras imperam até no âmbito pessoal e que precisa de uma fuga para o terreno virtual para aumentar os limites desse espaço privado. É a gastronomia dos olhos de Balzac que volta à cena, mas desta vez de um ponto de vista diferente. Uma observação feita no mundo virtual, sem o envolvimento físico e com todas as desconfianças que o contato à distância pode gerar. É um exibicionismo? Não provavelmente é mais fruto desse desenvolvimento do individualismo quase narcísico que faz com que o diarista pense no outro como platéia para sua vida. E que, na maioria das vezes, a ilusão de se dirigir ao outro é apenas um pretexto para falarmos apenas de nós.²¹

Raquel tenta seduzir o público. Antes ela era uma adolescente que não atendia os padrões de beleza que a sociedade impõe, uma filha adotiva e problemática, mas hoje a sua história atrai e estimula as pessoas, ela é cobiçada pelos homens e essa visibilidade tão desejada vem acompanhada de fama e dinheiro.

²¹ SCHITTINI, D. 2002, p.41

5. A mulher e a construção dos diversos femininos

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher
Simone de Beauvoir

“A mulher nasceu para cuidar da casa, do marido e dos filhos”. “O homem é o provedor, aquele que tem por obrigação manter o sustento da família”. “As mulheres são mais sensíveis, frágeis e possuem um sexto sentido”. “Os homens são racionais e práticos”. Frases como essas foram e ainda são bastante usadas. Muitos ainda acreditam que esses e outros atributos são naturalmente desenvolvidos. No entanto, existe uma corrente de estudos sociológicos que associa as características humanas a um processo de formação social.

A discussão em torno desse tema invadiu os estudos acadêmicos a partir dos anos 70. Essa questão entrou na academia ao mesmo tempo em que o movimento feminista ressurgia. Segundo Joan Scott, por volta de 1970, feministas dos Estados Unidos começaram a utilizar o termo “gênero” para enfatizar o caráter fundamentalmente social das diferenças baseadas no sexo. Essa palavra indica, portanto, uma rejeição do determinismo biológico implícito na utilização de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Para as feministas, mulheres e homens eram definidos em termos recíprocos e não poderia haver nenhum estudo capaz de entender qualquer um dos sexos separadamente.

O debate por parte das antropólogas que se baseiam nessa premissa está vinculado ao questionamento sobre o papel secundário da mulher na história das sociedades. De acordo com as cientistas, o “estudo das mulheres” não acrescentaria somente outros temas, mas imporiria uma nova análise crítica dos critérios dos trabalhos científicos existentes. Para Scott, o gênero é um “elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos” e “uma forma primária de dar significado às relações de poder”²². Ainda segundo a autora, o gênero implica quatro elementos interrelacionados.

Em primeiro lugar os símbolos culturalmente disponíveis: Eva e Maria são exemplos de modelos antagônicos de mulher que correspondem aos valores predominantes de luz e trevas, inocência e corrupção.

Em segundo lugar, os conceitos normativos que tentam limitar e conter as interpretações dos significados criando uma oposição binária fixa entre o masculino e o feminino. Esses conceitos são encontrados nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas

²² SCOTT, J.1990, p.86

que afirmam de forma categórica o significado do homem e da mulher. Em alguns casos essas regras entram em confronto e a posição que emerge como dominante é considerada a única, como se fosse um consenso social e não o resultado de um embate. Um exemplo disso são os grupos fundamentalistas religiosos que, no mundo contemporâneo, querem associar suas práticas ao papel tradicional das mulheres, defendendo como natural e incontestável.

Em terceiro lugar, Joan Scott defende que a análise de gênero deve incluir uma concepção de política, assim como uma referência às instituições e à organização social. Uma visão mais ampla que contemple as relações de parentesco, o mercado de trabalho segregado sexualmente, as instituições educacionais somente masculinas ou as cadeiras acadêmicas fundamentalmente ocupadas por homens ou por mulheres. Para ela, o gênero é construído nas relações de parentesco, mas não exclusivamente. Ele também é formado na economia, nas escolas, na política, em ambientes que se organizam independentemente da família. Em quarto lugar está a identidade subjetiva, a maneira com que o sujeito absorve sua cultura e constrói uma identidade de gênero. Apesar do indivíduo sofrer influência do meio em que vive, ele não cumpre necessariamente todas as regras de sua sociedade.

Partindo do princípio que os atributos masculino e feminino são uma construção social e não uma condição biológica, é possível afirmar que as sociedades formulam estereótipos do que seriam mulheres e homens normais. Como vimos antes, os indivíduos participam de várias esferas sociais que apontam os caminhos para a conduta esperada. Em “**Mitologias**”, Roland Barthes fala sobre os brinquedos franceses que significam sempre alguma coisa e estão ligados a processos reais da vida adulta:

O fato de os brinquedos franceses prefigurarem literalmente o universo das funções adultas só pode evidentemente preparar a criança a aceitá-las todas, constituindo para ela, antes mesmo que possa refletir, o álibi de uma natureza que, desde que o mundo é mundo criou soldados, empregados do Correio, e vespas. O brinquedo fornece assim o catálogo de tudo o que não espanta o adulto: a guerra, a burocracia, a fealdade, os marcianos, etc.²³

No Brasil, as meninas costumam ganhar bonecas, casinhas e todos os aparatos para a manutenção de um lar bonito e confortável, assim elas são preparadas para a maternidade e para o casamento. No caso dos meninos, os brinquedos de guerra, as armas de plástico, os jogos eletrônicos que simulam situações de risco fornecem uma amostra do que a vida adulta lhes

²³ BARTHES, R. 1993, p.41

reserva: um mundo violento e repleto de desafios. Dificilmente, os garotos crescem brincando de serem papais ou maridos.

Como já foi visto no primeiro capítulo desse trabalho, os indivíduos que fogem dessa preconceção passam a fazer parte da categoria de estigmatizados. De acordo com um estudo realizado por Lígia Amâncio, no livro **“Masculino e feminino: a construção social da diferença”**, o estereótipo feminino em Portugal contém os seguintes atributos: afetuosidade, beleza, dependência, elegância, emoção, fragilidade, maternidade, romance, sensibilidade, sentimentalidade e submissão. Para os homens, cabem as características: ambição, audácia, autoritarismo, aventura, coragem, desinibição, desorganização, dominação, empreendedorismo, fortaleza, independência, machismo, paternalismo (e não paternidade), rigidez, seriedade, superioridade e virilidade.

Apesar do estudo de Lígia ter sido realizado em um país europeu, podemos ampliar esse quadro geral para as sociedades ocidentais que tendem a apresentar as mesmas condutas. Como é facilmente percebido no exemplo descrito por Lígia, as carências femininas são supridas pela presença do homem. A mulher submissa busca na figura masculina seu “porto-seguro”. Essa idéia de dependência é alimentada desde a infância, quando a criança tem o pai como tutor legal e moral. Depois da idade adulta, a função de zelar pelo bem-estar da mulher é transferida para o marido. Num cenário ideal, essa mulher jamais ficaria sozinha e indefesa. A idéia da maternidade vem associada ao casamento, portanto, a fórmula mágica para a felicidade da mulher é uma união heterossexual e que seja fecunda. No caso masculino, como foi destacado acima, a característica “paternidade” não é atribuída ao homem, e sim a idéia de paternalismo, uma relação entre chefia e subalternos. Ele é o chefe da família.

Quando a trajetória de “mulher acompanhada” é interrompida, seja por divórcio ou viuvez, é como se esse indivíduo estivesse em situação de risco porque não existe mais nenhum “braço forte” ao seu lado para dar suportes financeiro, moral e psíquico. A mulher que decide se dedicar principalmente à profissão e deixa a vida afetiva em segundo plano não é considerada completa pelos outros. A ausência dos filhos e do marido deixa a sensação de que existe uma lacuna na vida dela, afinal, nenhuma mulher é inteiramente feliz sem a sua “cara-metade”. Por isso, as prostitutas são o avesso do estereótipo da mulher normal. Elas não têm dono, não têm casa, não tem senhor e, portanto, não têm valor. Quando têm filhos, em alguns casos, cada um

deles é fruto de relações com homens diferentes, fato que reforça a idéia de promiscuidade. Uma vez sozinhas, fazem uso do corpo como desejam, não precisam dar satisfações a ninguém.

As prostitutas são as mulheres “da rua”, e não “da casa”. Roberto DaMatta faz a distinção entre esses dois espaços simbólicos salientando que em casa a intensidade emocional é forte e mesmo quando existem adversários, eles são também “irmãos”. As mulheres “da casa” devem ser tratadas com respeito. Daí surgem os discursos masculinos do tipo: “não posso fazer com a minha mulher o que faço com as vagabundas”. Já a rua é o ambiente onde as leis são severas, rígidas. A emoção é disciplinada e, por isso, existe a possibilidade de exclusão, cassação e expulsão. Para as mulheres da rua, a lei é dura.

Quando Gabriela Leite defende a prostituição como uma profissão que deve ser aceita, respeitada e valorizada não apenas pela profissional, mas por toda a sociedade, ela não está, a rigor, burlando nenhuma lei natural. O corpo é da mulher que se prostitui, portanto, ela tem o direito de fazer o que quiser com o que lhe pertence. Entretanto, essa postura choca a sociedade em que predomina a legitimidade de um sistema monogâmico de base cristã em que as mulheres pertencem a um homem, fazem sexo por amor e para a procriação.

No entanto, a prostituição está presente nas sociedades há muitos séculos, o que mudou foi o tratamento que ela recebe. Segundo Foucault, até o século XVII, as práticas sexuais não eram escondidas com tanta voracidade:

Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com o século XIX. Gestos diretos discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo, em escândalo entre os risos dos adultos: os corpos pavoneavam.²⁴

Jacques Rossiaud escreveu um artigo sobre sexualidade e prostituição nas cidades francesas do século XV no qual afirma que, naquele país, a prostituição não era apenas tolerada ou secreta, mas existia em aglomerações pertencentes à comunidade ou dependente das autoridades senhoriais quando a cidade não possuía conselho. Naquela época, ocorriam muitos crimes de estupro e, para conter os “arroubos juvenis”, os prefeitos faziam da “prostituição pública uma instituição de paz”.

Um dos instrumentos da ‘boa polícia’ é a ‘boa casa’. Reprimem moderadamente as violências sexuais quando estas atingem mulheres de ‘baixa extração’, portanto de honestidade suspeita, que não são suficientemente protegidas por redes de solidariedade profissionais ou

²⁴ FOUCAULT, M. 1979, p.9

territoriais. Finalmente, encorajam o prazer carnal, a caça pândega às ‘galinhas’ e exaltam a ‘dama natureza’, que é satisfeita graças às boas damas.²⁵

Segundo Rossiaud, a situação das prostitutas na França mudou depois que o número de imigrantes cresceu e a economia das cidades passou por períodos muito difíceis, os salários ficaram defasados e o número de prostitutas também cresceu. Com isso, os policiais passaram a tomar medidas contra a prostituição, que foi considerada um ato criminoso.

No Brasil, a prostituição não é crime e inclusive foi incluída no quadro de ocupações do Ministério do Trabalho no ano de 2003. No entanto, a atividade ainda é cercada por muito preconceito pelos motivos que foram desenvolvidos durante todo o percurso desse estudo. Por isso, as iniciativas individuais ou coletivas de reivindicar mais dignidade e respeito são tão decisivas para essas mulheres.

Assim como toda a construção, o feminino possui várias faces. A prostituição é uma delas e, por sua vez, engloba diversos subgrupos. A prostituta das ruas, das zonas de confinamento; as garotas de programa das saunas, dos “flats”; a mulher-mãe-prostituta, a prostituta politizada. Esse trabalho retratou a história de milhares de prostitutas que participaram e participam de um movimento organizado capaz de mobilizar os poderes públicos e privados e de fazer parte da economia formal do país através de trabalho e criatividade, como no caso da Daspu.

Uma das principais personagens desse “recorte” é Gabriela Leite. Bruna Surfistinha completa esse cenário porque, assim como a colega saiu da prostituição e se tornou uma celebridade. As duas mulheres surgem em períodos distintos e assumem papéis bem diferentes. A exemplo de Gabriela, Raquel não teve dificuldades em aparecer em frente às câmeras admitindo ser garota de programa, mas Gabriela surge na mídia como a líder de um movimento social, uma ex-estudante de sociologia que optou pela prostituição, mas antes de tudo, é alguém preocupado com questões vitais de cidadania. O Jornal Beijo da rua é utilizado anos depois do início da mobilização política das prostitutas como um “porta-voz” de Gabriela e potencialmente de todas as outras mulheres preocupadas com as causas da classe. O livro **“Eu, mulher da vida”**, mostra a biografada como uma agente política e despreza os detalhes da profissão.

²⁵ Jacques Rossiaud. A prostituição, sexualidade e sociedade nas cidades francesas do século XV In: ARIES, Phillipe; BEJIN, André (org). Sexualidades Ocidentais. Rio de Janeiro. Editora Brasiliense, 1985. p.106

A Daspu, criação de Gabriela em conjunto com outras garotas de programa, associa o mercado formal à prostituição, uma ação inédita pelo menos no Brasil. A partir do momento em que as mulheres segregadas percebem a importância da mídia para a legitimação do seu movimento são criadas maneiras diferentes de provocar os olhares da sociedade e estimular a discussão. Em todo esse processo, Gabriela é uma das protagonistas.

A personagem Bruna Surfistinha nasce por acaso e traça uma trajetória diferente. Em primeiro lugar, o “estar famosa” para ela é uma consequência de um ato corriqueiro, a criação de *blogs*, que, tornou-se prática simples e amplamente difundida entre a juventude do século XXI. Em segundo lugar, Surfistinha não está aliada a nenhum movimento organizado, pelo contrário, suas questões estão ligadas a si própria, não existe qualquer engajamento ou necessidade de fidelidade à classe. Por isso, durante o livro e também no *blog*, ela fala abertamente sobre os maus momentos que a profissão lhe proporcionou e relata ocasiões em que seu maior desejo era abandonar os programas. Em um capítulo do livro, por exemplo, ela descreve um episódio em que claramente sofreu abuso sexual, e justifica dizendo que não denunciou o cliente porque era uma profissional que estava sendo paga por um serviço prestado. Bruna Surfistinha está interessada nela própria, é uma empresária de si mesma, vende sua história, e a fórmula dá certo a ponto de permitir que seus produtos sejam desejados e adquiridos.

6. Conclusão

*Depois de muito meditar
Resolvi editar
Tudo o que o coração
Me ditar
Paulo Leminski*

Durante a pesquisa realizada no jornal “Beijo da rua”, nas páginas da *internet* e nas ruas da Praça Tiradentes ficou bem visível que muitas prostitutas não só perceberam a importância da comunicação como estão aprendendo a trabalhar como profissionais da mídia.

O “Beijo da rua” é importante porque foi a primeira tentativa de dar maior visibilidade ao movimento organizado, já que a idéia inicial era alcançar toda a sociedade. A venda da publicação seria feita em locais próximos a áreas de prostituição e posteriormente as bancas de jornal também disponibilizariam exemplares das edições. Depois que passa a ser distribuído gratuitamente para as associações, o “Beijo” torna-se um legítimo canal de comunicação entre as profissionais do sexo. Por meio desse periódico, 17 entidades espalhadas pelo Brasil trocam experiências e recebem notícias sobre os problemas, as novidades e as vitórias alcançadas pelo movimento organizado das prostitutas.

Durante as entrevistas na Praça Tiradentes, a maioria das meretrizes se mostrou bastante receptiva desde o início. Isso pode ser associado ao fato de que essas mulheres trabalham com Gabriela Leite e têm discursos próximos ao da líder, que defende a idéia da prostituição como profissão semelhante a qualquer outra. No evento “Mulheres Seresteiras”, por exemplo, as prostitutas interpretam canções famosas em uma rua próxima a Praça Tiradentes. Durante o espetáculo, elas se sentem valorizadas pelos aplausos e comportam-se como artistas com direito a camarim, figurino e maquiagem.

A criação da “Daspu”, grife dirigida por Gabriela e desenvolvida com a participação das prostitutas, aumentou a proximidade delas com o universo midiático. Desfiles em programas televisivos e em importantes eventos de moda, como o *Fashion Rio*, entrevistas para jornais de dentro e fora do país reforçam o papel decisivo da comunicação para o desenvolvimento de uma organização que busca fortalecer seu discurso e sua participação na sociedade. Por trás desse primeiro objetivo existe um processo de aumento e manutenção da auto-estima –importante para

mulheres que sempre foram tratadas com desprezo e desrespeito – e da geração de recursos por meio da associação entre a prostituição e o mercado da moda.

Por outro lado, as entrevistas com as mulheres da Vila Mimosa tiveram um início complicado. As prostitutas se mostraram arredias quando perceberam a presença de alguém desconhecido. O estigma e o preconceito com que são tratadas cria uma atmosfera de constante vigilância que é compreensível. As entrevistas na zona de confinamento foram valiosas até mesmo quando o silêncio ou a recusa eram as respostas. Esses comportamentos ajudaram na percepção de que muitas prostitutas ainda se sentem inferiores e fracassadas. Apesar disso, foi possível encontrar outras profissionais que trabalham na Vila e ofereceram um vasto conteúdo autobiográfico. Na Vila Mimosa também existe uma organização que reivindica mais direitos. Isso se torna mais claro quando se fala marca “Gatinha Mimosa”, uma grife que está sendo desenvolvida pelas prostitutas da Vila e pretende disputar os holofotes lançados sobre a “Daspu”.

Bruna Surfistinha é uma terceira via dentro desse tema. Ela trabalha em prol da imagem de si mesma e esgota todas as possibilidades que surgem. Explorando o interesse da mídia, Bruna se tornou famosa em todo o país, participou de centenas de entrevistas e com isso despertou mais interesse sobre sua intimidade, que já era publicada no *blog*. A autobiografia da ex-prostituta vendeu mais de 100 mil cópias no Brasil e já foi lançada em outros países, a linha de produtos de beleza está disponível na *internet*, o áudio-livro foi lançado em junho de 2006 e o filme sobre a vida dela está sendo produzido.

Esse trabalho priorizou o estudo sobre a utilização que as prostitutas fazem dos meios de comunicação desde que Gabriela Leite deu origem a um movimento organizado na década de 70. O recorte permitiu a análise do uso da mídia por instituições que buscam realizações coletivas como a “Davida” e a “Amocavim”. Do outro lado, Bruna Surfistinha representa a mulher que desperta a curiosidade através da publicação de sua intimidade e sabe explorar todos os benefícios que essa publicidade pode trazer.

O tema é muito amplo e pode ser abordado sob diferentes aspectos. Depois de perceber que podem ocupar o lugar de sujeito da própria fala, as prostitutas descobriram muitos caminhos a serem explorados. E pelo que foi presenciado durante a pesquisa, elas vão se encarregar de experimentar todos eles.

Referências

- AMÂNCIO, Lígia. **Masculino e feminino – a construção social da diferença**. 2. ed. Porto: Edições Afrontamento, p.63-69.1994.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, p.40-42.1993.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.504p.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 103-140. 1991.
- FILHO, João Freire. **Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias**. Porto Alegre. Revista Famecos, n.28, p.18-27. 2005.
- FONSECA, C. **A dupla carreira da mulher prostituta**. Revista Estudos Feministas, n.1, p.7-33.1996.
- GASPAR, M. D. **Garotas de programa – prostituição em Copacabana e identidade social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1985. 135p.
- GOFFMAN, E. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988. 158p
- GOLDWASSER, Maria Júlia. **Cria fama e deita-te na cama: um estudo de estigmatização numa instituição total** In: VELHO, Gilberto (Org): **Desvio e divergência: Uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.29- 51.1974.
- HELBORN, M. L. **Gênero e hierarquia . A costela de Adão revisitada**. Revista Estudos Femininos, v.1, n.1, p.50-79. 1993
- HERMANN, Kai.; RIECK, Horst. **Eu, Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída**. 42. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- Histórias de Esquina**. Direção: Felipe Diniz. Produção: Cris Reque. Porto Alegre: Modus Vivendi, 2005. 1 DVD.
- LEITE, G. S. **Eu, mulher da vida**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.165 p.
- NEVES, C. **Eu amo, tua amas, elas também**. O amor no cotidiano da prostituição. Orientador: Consuelo Lins. Rio de Janeiro. 44 f . Projeto Experimental (Graduação em jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

ROSSIAUD, J. **A prostituição, sexualidade e sociedade nas cidades francesas do século XV.** In: **ARIES, Phillipe; BEJIN, André (Org): Sexualidades Ocidentais.** São Paulo: Editora Brasiliense, p. 93-114, 1985.

SCHITTINE, D. F. de A. **Blogs - Comunicação e escrita íntima na internet.** Orientador: Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro. 2002, f. 28-41. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Revista educação e realidade. São Paulo, v. 15, n.2, p. 71-99, jul./dez.1995

SURFISTINHA, B. **O doce veneno do escorpião.** 1.ed. São Paulo: Panda Books, 2005.

<www.brunasurfistinha.com/blogs>. acesso de abril a junho de 2006

<www.beijodarua.org.br>. acesso de abril a maio de 2006

<www.daspu.com.br>. acesso em maio de 2006

<www.amocavim.com.br>. acesso em maio e junho de 2006

<www.rededeprostitutas.org.br>. acesso em abril de 2006